

A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

REDACÇÃO:

Rua 7 de Setembro, 174

Rio de Janeiro — Tel. 4337 C.

ASSIGNATURAS:

Para o Brasil.....	um anno	9\$000
União Postal.....	” ”	10\$000
Para o Brasil.....	6 mezes	5\$000

SUMMARIO

Sete de Setembro

IDÉAS E FACTOS

- Politica de instrucção publica
 - Um livro a lembrar.
 - A evolução brasileira em cem annos de independencia.
 - Educação moral.
 - Catecismo civico.
 - O hymno nacional.
 - Bibliographia.
 - Correspondencia.
 - Expediente.
- Escragnolle Doria*.....
- Nelson de Senna*.....
- C. A.*.....
- F. Cabrita*.....

A ESCOLA

- Zulmira*..... O dia do «Fico».
- J. A.*..... Exercicios e problemas de geometria e arithmetica.
- Sebastiana de Figueiredo*... Leitura Expressiva

ESCOLA NORMAL

- A. Balthazar da Silveira*.... Historia do Brasil.

LIÇÕES E EXERCICIOS

Sete de Setembro

—»O«—

Completamos o primeiro seculo de nossa vida independente.

E' animadora a perspectiva do caminho percorrido, desde o episodio do Ypiranga até os dias presentes. Em cem annos, realisamos todas as conquistas que os nossos maiores poderiam ter ambicionado nos primeiros dias de nossa vida autonoma. F as realisamos de modo verdadeiramente admiravel, resolvendo os mais graves problemas sociaes e politicos como não o conseguiram os outros povos da terra.

Não merece, de facto, outra classificação a maneira porque realisamos a egualdade civil de todos os brasileiros, porque effectuamos a transformação do regimem politico é porque asseguramos as mais avançadas conquistas da liberdade espiritual.

E', pois, devéras auspiciosa a perspectlva do caminho percorrido.

Que ella nos anime nos emprehendimentos do porvir, encorajando-nos a enfrentar todos os obstaculos com o animo sereno dos que teem firme confiança no triumpho.

Que ella nos estimule a vencer todas as resistencias e a dominar todos os desalentos que intibiam e enfraquecem as energias nacionaes nas grandes empresas em que se decide o futuro dos povos.

Não nos desvanecemos, porém, pelos magnificos resultados já obtidos e pela notavel posi-

ção de destaque, que conquistamos no concerto das nações cultas.

Por muito mais que houvessemos obtido, muito mais ainda deveriamos almejar como a meta das nossas aspirações.

Assim, obrigando-nos a um perenne e progressivo aperfeiçoamento das nossas capacidade-como nação, desempenharemos o papel historics que nos está reservado, realisando os brilhanteo destinos, que as nossas possibilidades nos permittem aspirar

São esses sem duvida, os propositos que nos devem animar ao festejarmos o primeiro centenario da nossa emancipação politica, e na firme disposição de bem cumpril os, como o mais inilludivel de todos os deveres civicos, teremos a fôrma mais efficaz de commemorar a magna data da nossa historia, cuja alta significação é a da evocação do mais suggestivo episodio da quadra memoravel em que se firmou a nossa soberania, como nação independente.

Tal disposição valerá bem pelo mais duradouro monumento, pela mais solemne consagração com que pretendessemos assignalar a passagem do primeiro centenario do brado do Ypiranga.

Mas, não deveremos nos limitar aos bons propositos. Executemo-los rigorosamente com a maxima fidelidade e teremos assim feito jús a gratidão das gerações vindouras.

I = IDEIAS E FACTOS

POLITICA DE INSTRUÇÃO PUBLICA

—
XVIII
—

O ENSINO DA HISTORIA

Um dos pontos de mais alto interesse no desenvolvimento do ensino da historia patria em nossas escolas primarias é o referente á definição da verdadeira significação do Sete de Setembro.

E' fóra de duvida que o brado do Ypiranga constitue na historia de nossa independencia nada mais que um epilogo, com a capacidade de consagração de um episodio suggestivo.

A nossa independencia não foi feita nas margens do humilde regato da Paulicéa. Tão pouco esse acontecimento politico poderá ser considerado obra exclusiva da impetuosa arremettida do principe impulsivo que, num gesto energico, assignalou a nossa emancipação, repudiando as insignias portuguezas.

O episodio do Ypiranga e a personalidade do seu principal protagonista, representam, pois, em nossa historia, a força de symbolos com o poder de synthese necessario para em si resumirem todas as circumstancias de uma palpitante phase historica.

A nossa independencia não foi a obra de um homem, realisada num só dia; nella collaboraram, — ainda que sem se aperceberem, — muitas gerações successivas, e os episodios varios em que se manifestaram essas multiplas acções concurrentes, se espaçam no correr de longos e dilatados annos.

Mesmo quando não se pretenda pesquisar os antecedentes remotos da grande obra da emancipação brasileira será impossivel reduzi-la ao quadro unico do seu desfecho.

A emancipação economica do Brasil foi, de facto, declarada pela carta regia que abriu os nossos portos ao commercio do mundo; a independencia intellectual se consolidou pelos successivos actos que nos dotaram com os differentes estabelecimentos de ensino superior e outros mais, que devemos ao clarividente

governo do principe D. João; a nossa propria emancipação politica, emfim, foi affirmada muito antes do Sete de Setembro, quando o reconhecimento da nossa qualidade de reino, equiparando a Portugal e Algarves, teve que ser feito perante as potencias componentes do Congresso de Vienna, para que a velha monarchia lusitana pudesse ser contada entre as grandes nações da Europa.

Mas si a independencia do Brasil não foi obra exclusiva do seu primeiro imperador, nem, tão pouco o episodio do Ypiranga representa um acontecimento sem o qual não se teria consumado a nossa completa emancipação da antiga metropole, nem por isso deve ser diminuido o papel historico daquelle principe ou procurada uma data de maior significação real, para assignalar o magno acontecimento da nossa independencia.

O Sete de Setembro tem e terá, como sempre teve a capacidade evocativa sufficiente para que nella enxerguemos a grande data da nossa historia politica, assignalando o epilogo de um episodio suggestivo, na mais memoravel quadra de nossa vida nacional.

Em Sete de Setembro não devemos glorificar sómente os venturosos combatentes da ultima pugna, aos quaes foi dada a felicidade de testemunhar o triumpho.

Em Sete de Setembro devem ser lembrados e glorificados todos os obreiros da civilisação brasileira, desde o abnegado apostolado de José de Anchieta e Manoel da Nobrega e da acção heroica dos bandeirantes na penetração dos nossos sertões; devem ser lembrados todos os bravos defensores da terra brasileira, os quaes poderão ser representados syntheticamente pelos heroicos insurgentes pernambucanos, como uma justa homenagem aos primeiros soldados em que se affirmou o espirito da nossa nascente nacionalidade; devem ser lembrados os differentes movimentos nativistas processados na terra brasileira e os personagens que nelles figuraram como vultos de maior destaque; devem, finalmente, ser lembrados e glorificados, numa especial homenagem, os martyres da liberdade brasileira, resumidos em Philippe

dos Santos Freire, — a alma do levante de Villa Rica, — Tiradentes, — o heroico inconfidente, — e Domingos Martins e seus companheiros de sacrificio na mallograda revolução pernambucana de 1817.

Assim comprehendida a commemoção do Sete de Setembro, terá a mais alta interpretação como a verdadeira significação symbolica da magna data da nossa historia; ella será então, não a simples evocação de um episodio historico de valor mais ou menos significativo, mas a festa civica, por excellencia, em que o Brasil renderá uma homenagem a todos os obreiros da sua independencia, a todos quantos para ella contribuíram, collaborando para o seu progresso e para o seu engrandecimento.

UM LIVRO A LEMBRAR

José Liberato Barroso, cearense, de Aracaty, de 1830, é hoje nome esquecido. Educou-se em Pernambuco, ahi recebeu os graos de bacharel e doutor em Direito, ahi concorreu, e com muito brilho, a uma cathedra da Faculdade Juridica, ahi leccionou, e com muito renome. Fez tambem vida de espirito no Ceará, assistiu na assembléa da provincia, alcançou por ella a deputação geral, foi ministro do Imperio em 1864 no gabinete Furtado, escapou de ser senador pela terra natal, annullada sua eleição pelo Senado, em 1879, e, pouco antes de morrer, presidio a provincia onde joven fizera primeira estação de vida, Pernambuco, cerrando os olhos no Rio de Janeiro, em 1885.

Ministro do Imperio, assistiu ao prologo da guerra do Paraguay, referendou o decreto creando os Voluntarios da Patria e os contractos nupciaes das princezas patricias, D. Isabel e D. Leopoldina.

Era homem respeitavel e de saber variado, que trazia paixão por diversas linguas, francez, inglez, allemão e hespanhol. Tanto o seduziam questões

de direito criminal ou commercial como as novellas inglezas, e se dava indices alphabeticos aos nossos principaes codigos fazia discursos abolicionistas. Era um culto e um cultor.

Escreveu bastante, o que é frequente, e com acerto, cousa talvez menos comum. Gestor da pasta do Imperio, a pasta da instrucção no regimen monarchico, tres annos depois de deixal-a publicou um livro que convem lembrar aos que desejem estudar a instrucção publica no passado, seduzidos pela comparação, essa delicia da Historia.

Cada um paga como póde o seu tributo á causa da patria, affirmou Liberato Barroso. Pagou o elle, em 1867, sob a fórma de um volume de mais de duzentas e cincoenta paginas, sob o titulo singular de— A Instrucção Publica no Brasil — o livro foi editado pelo livreiro Garnier, que, outr'ora, do fundo da sua loja baixa e escura da rua do Ouvidor, zelando os seus interesses, atirou muito pensamento pelo Brasil afóra.

Varias cousas no livro de Liberato Barroso já não existem hoje, mas no hontem de suas reflexões ainda ha bastante que aproveitar.

Assim nos diz Barroso:

«O magisterio exige um estudo constante, uma applicação incessante do entendimento ás materias do ensino; no Brasil porém a miseria seria a consequencia necessaria desta generosa dedicacção. O excesso escandaloso de nossas inutilidades bastaria de sobra para dar melhor posição aos mestres do ensino. Poderíamos gastar menos algumas dezenas de contos de réis com fiscaes, que não fiscalisção, com explorações, que não exploram, viagens de gabinete e de papel e outros *melhoramentos* desta ordem para dar maiores ordenados aos mestres, magistrados e outros servidores do Estado.

Não queremos resumir o livro de Liberato Barroso, simplesmente lembral-o na ancia de homenagem a tudo quanto no Brasil estremecido representa o bello o justo e o honesto.

ESCRAGNOLLE DORIA

Casa das Novidades

LUVARIA GOMES

Meias, luvas, leques, bolsas, carteiras, rendas, fitas, colares, pulseiras, brincos e chapeos para meninas e senhoras

A's Exmas. professoras municipaes faz-se o desconto de 10 %.

38, TRAVESSA S. FRANCISCO, 38

A evolução brasileira em cem annos de independencia

O notavel discurso proferido, na Camara, dos Deputados, em 1 de Setembro corrente, pelo Dr. Nelson de Senna, deputado por Minas Geraes, e professor cathedratico do Gymnasio de Bello Horizonte, posto conquistado, após brilhante concurso com pouco mais de vinte annos de idade, é uma verdadeira monographia sobre a evolução da nossa nacionalidade, nos primeiros cem annos de sua vida independente.

O valioso trabalho do Dr. Nelson de Senna, não pôde adormecer no esquecimento dos annos parlamentares.

Cabe-lhe uma larga divulgação em todo o Brasil, principalmente, nos circulos intellectuaes e entre os responsaveis pela educação do nosso povo.

Somos hoje entrados no mez historico da commemoração da primeira centuria da nossa vida de povo livre; e queira a Camara Federal consentir que o mais obscuro dos representantes da Nação (não apoiados geraes), com assento nesta Casa do Congresso Legislativo da Republica, venha entoar hosannas em louvor da Patria soberana e engrandecida por um seculo de labor e construção, no decurso do qual se implantaram aqui dois regimens politicos oppostos, sem embargo de que em ambos se haja conjugado todo o nobre e proficuo esforço de tantas gerações para constituirem o Brasil uno, prospero e pacifico, sob o pallio da honra, do trabalho e da liberdade, como bases necessarias da Ordem e do Progresso.

Nestes dias memoraveis de setembro, urge que procedamos a um balanço rigoroso do que temos feito, do que somos e valem como nação, do papel que representamos em face do mundo e do que havemos conquistado, no campo da civilização, no espaço de tempo decorrido de 1822 a 1922.

Occupando, senhores Deputados, um territorio amplissimo e continuo, cuja superficie corresponde a 1/15 da superficie total do globo terrestre, a 1/5 da superficie das tres Americas e a 3/7 da superficie continental sul-americana, dispõe assim o Brasil de um dos maiores pedaços do planeta, onde um bloco demographico de 30 milhões de creaturas humanas de todas as raças povoa ainda escassamente a sua dilatada area de oito e meio milhões de kilometros quadrados.

E' opportuno esse inquerito social, economico e politico, que o "processus" da critica historica de nós exige, para que á vista das provas apuradas e dos factos arrolados venha ella pronunciar o nosso definitivo julgamento, dizendo si a nacionalidade brasileira, de facto e de direito, adquiriu os seus fóros de nobreza, no grande Livro das Nações, e si pelo esforço de seus filhos e pela obra que elles teem aqui realizado, o Brasil se impoz, com justiça, ao apreço e respeito universaes, merecendo assim o largo quinhão que os destinos historicos lhe reservaram, no orbe.

Na patriótica recitação do nosso "Carmen Soe culare", seria commovedor evocarmos os nossos grandes mortos redivivos e chamal-os ao presente radioso destes dias jubilaes, para que contemplassem o vigor e a louçania, a opulencia e a belleza da terra natal.

Deveriam então desfilar ante nosso respeitoso preito de que engrandeceram a Patria, nos duros postos do Governo, quer na categoria de chefes de Estado, Pedro II, Feijó, Deodoro, Floriano, Prudente, Campos Salles, Rodrigues Alves, Penna; quer como altos colaboradores da administração e responsaveis pela orientação dos negocios publicos, na politica nacional; e todos esses eminentes homens publicos do Brasil eu os synthetisaria, Sr. presidente, desde o imperio á Republica, em primeiro logar, os nomes gloriosos dos proceres da Independencia; José Bonifacio e José Joaquim da Rocha, Gonçalves Ledo e José Clemente, Conego Januario e padre Custodio Dias; e em seguida, vindo dos Andradás aos Vasconcellos, de Abaeté a Zacharias, de Paraná a Cotegipe, de Olinda a João Alfredo, de Monte-Alegre a Ouro Preto, dos Hollandas aos Nabucos, dos Paranhos aos Dantas, de Uruguayana a Gaspar, de Uruguay a Itaboraí, de Furtado a Vieira da Silva, de São Vicente a Lafayette, de Martinho Campos a Saraiva... eu fecharia a gloriosa pleiade dos estadistas monarchicos com o grupo brilhante dos estadistas republicanos; Benjamin e Bocayuva, Alvim e Murtinho, Bernardino e Campista, Fernando Lobo e Sabino, coroando a esses nomes com os de Castilhos e João Pinheiro, ambos, ao meu entender, os mais legitimamente exponents da geração republicana, politicamente formada na propaganda do regimen de 1889 e realisadora dos principios cardéaes, quando levados ao Governo.

Continuaria a fazer desfilar a theoria sagrada, dos nossos nomes tutelares e a litteratura nos faria Odorico e Gonçalves Dias, Alencar e Bernardo, Sylvio e Tobias, Machado de Assis, Tavora, Magalhães e Castro Alves, Macedo e Bilac, Verissimo e Raymundo, Euclides e Arinos; e, ao lado desses publicistas, cuja pena foi posta sempre ao serviço permanente da Patria, desde Evaristo, Inhomirim e Lisboa até Octaviano, Quintino e Alcindo; e benemeritos da Sciencia e da Humanidade, como Oswald Cruz ou genios de uma divina inspiração de Arte, quaes foram Carlos Gomes, padre José Mauricio, na musica; Pedro Americo, Victor Meirelles, na pintura, e gloriosos defensores das nossas fronteiras e do nosso pundonor, ora com a clava da erudição e descortino diplomatico, como Joaquim Caetano e Rio Branco, ora com a espada invencivel, como Caxias e Osorio, Barroso e Saldanha, Pelotas e Conde D'Eu, nomes que enchem de justa ufania os fastos militares e navaes do nosso Paiz.

Pelas mãos da severa Clio, appareciam Casal e Pizarro, S. Leopoldo e Porto Seguro, Joaquim Norberto e Pinheiro, Homem de Mello e Moreira Pinto, estudando a geographia e a historia patrias, pintando-lhe o scenario, descrevendo-lhe os acontecimentos memoraveis. Apenas uma excepção eu me atreveria a fazer, entre vivos, para incluir neste cortejo de summidades ante as festas de agora os nomes sem par de Ruy, novo campeador do Direito, da Justiça e da Liberdade, no mundo contemporaneo; e de Santos Dumont, monarcha do espaço aereo, desvendador da navegação pratica, nos paramos visinhos ás nuvens do Céu; pois que ambos são Brasileiros, que enchem de glorias presentes a Patria sua e nossa, comprovando que o primeiro seculo da independencia é um periodo de notorias capacidades na galeria dos homens, que constituem um patrimonio, já não só do Brasil, mas da Humanidade inteira.

E perante todos elles, genios protectores da Terra, onde tiveram o berço, seria occasião azada de aqui demonstrarmos que somos, em face do mundo, e de accordo com o rigor

das provas incontestaveis da estatística, uma quantidade realmente ponderavel nos destinos do mundo e na marcha historica da Civilização Universal.

Effectivamente, Srs. Deputados, compete hoje ao Brasil o primeiro logar, em população, depois da gigantesca União Norte-Americana, entre as demais Nações deste nosso Continente e nos cabe o terceiro logar entre os povos latinos do mundo; pois si antes de nós só figuram a Italia e a França, depois de nós vêm a Hespanha, o Mexico, a Argentina, Portugal, o Chile, a Romania, o Peru, a Colombia e todas as outras jovens nações hispano-americanas.

No desenvolvimento geral das rês de linhas ferreas, telegraphicas e radio-telegraphicas, através do territorio nacional, os algarismos da extensão kilometrica absoluta pendem para collocar o Brasil, em seguida ao territorio francez, emparelhando-se com a grande nação Platina e, adeantando-se á todos os de mais paizes latinos, mesmo inclusive a culta Italia, mãe querida da latinidade.

Emquanto que o nosso poder naval e militar tem hoje apenas um logar de relativo destaque neste continente, equilibrando-se com a Argentina e Chile, já em relação á "Marinha Mercante" nenhum paiz das tres Americas, á excepção dos Estados Unidos e Canadá, pode contestar ao Brasil o primeiro logar, não só pela tonelagem como pelo numero de navios da nossa frota commercial, que hoje leva o pavilhão do Cruzeiro do Sul a varias partes do mundo, em diferentes linhas oceanicas.

De 1870 para cá, desde que findou a nossa guerra continental dos 5 annos, na bacia do Prata, pôde-se dizer que o nosso commercio interno e externo, a nossa capacidade exportadora foram, subindo num "crescendo" fóra dos ciclos de previsão estatística; e, hoje, os mercados do globo reconhecem a supremacia do Brasil, quanto a determinados generos, de que a natureza e o trabalho nos deram um quasi monopolio economico; o café, a borracha as madeiras, o mate, o algodão, as fibras, o manganez, as areias monazíticas, o cacau, as plantas medicinaes, as coradas, etc. E quando chegar a época bem proxima da siderurgia nacional, os nossos formidaveis depositos, de rios minérios de "ferro", asseguram, desde já, ao Brasil, um logar de absoluta distincção, entre os paizes que dominam a terra com a produção industrial do negro metal civilizador. As possibilidades de exploração desses nossos jazigos ferriferos, só em Minas Geraes e numa só região — a do Espinhaço — excedem, apenas por avaliação á superficie, os mais assombrosos calculos, tal é a opulencia e teor do minerio em varios milhões de toneladas ali accumuladas desde longas eras geologicas.

Sem o nosso "mate" não vivem as gentes platinas e alguns povos transandinos; assim como sem o nosso precioso "café" já não podem passar o opulento povo norte-americano, os europeus do meio-dia e até distantes, paizes levantnos, como a Syria.

O algodão brasileiro está fadado a salvar as manufacturas da Europa, do mesmo modo que já o fizera a industria de cotonificios dos Estados Unidos, após tremenda crise industrial da guerra da Seccessão.

Do seio de nossas matias e florestas milenarias já começaram a sahir carregamentos colossaes de "madeiras", que teem ido facilitar não só a reconstrução de tantas cidades europeas arrazadas pelo tufão da ultima guerra, como também abastecer os estaleiros navaes estrangeiros de resistentes essenciaes para o cavername e obras diversas dos barcos de commercio.

Os rebanhos que enchem os campos brasileiros, de Norte a Sul, constituem, pelo numero de individuos do "gado bovino" e "suíno", principalmente uma garantia para o fornecimento de lacticinios, carnes e banha á

alimentação de milhões de consumidores nacionaes e alienigenas; emquanto que por outro lado permitem que tantos productos da nossa Pecuaria, excellentemente collocados pela estatística entre os primeiros logares, sejam materia prima disputada em toda a parte, como acontece aos couros e pelles, aos ossos e cornaduras, aos pellos e crinas, etc.

Apenas como elementos de estatística fiscal comparada, e jamais com o intuito de defender a politica agravadora de novos impostos, direi que, sob o ponto de vista tributario; não obstante transitorios periodos de agrura economico-financeira, é o nosso povo, si encarado "per capita", o mais onerario pelo fisco entre latinos; porque impostos bem mais pesados do que os exigidos do brasileiro pagam o francez, o italiano, o hespanhol e o portugez — para só me referir a nossos mais velhos irmãos europeus, que concorrem mais do que nós para o erario publico.

A incomparavel "gomma elastica" da Amazonia é tão necessaria á industria dos nossos dias como é o carvão de pedra, e, a proposito deste, lembrei á Camara que, quando a nossa riqueza carbonifera possa ser posta em duvida, ali estão reservas espantosas de força motriz, não em combustiveis arrancados do sub solo, mas no potencial de nossas 10 mil quédas desaproveitadas; e o surto industrial do Brasil será acima de qualquer previsão e expectativa optimista, no momento economico em que a nossa "hulha branca" fór captada nessas colossaes cataratas como Iguassu, Sete Quedas, Maribondo e Patos, Dourada e S. Simão, Utiaty e Salto Grande do Jequitinhonha, Escura e Baguary (no rio Doce), como apenas se está começando a fazer na imponente Paulo Affonso e em outros saltos do Paiz, em territorios mineiro, paulista, fluminense, etc.

Assimilando todos os progressos materiaes e adoptando os inventos e reformas uteis do genio humano, o Brasil, Sr. presidente, se mostrou á altura de seus destinos, neste seculo de vida independente, para a qual se aparelhou do modo que passamos a examinar.

Si, em 1798, apenas ensaiara um rudimentar serviço postal, logo em 1822 completava por linhas de correio terrestre do Rio para São Paulo e entre Rio e Bahia, através de Minas Geraes, as suas indispensaveis comunicações interiores; emquanto que, no decennio da Regencia, mal adoptara a Inglaterra a formula da franquia postal e já era o Brasil a segunda Nação, antes mesmo da Suissa e Estados Unidos, a introduzir os sellos de correio.

"Fulton" maravilhá o mundo com a applicação do vapor aos barcos fluviaes do Hudson, em 1808, e já em seguida um rio brasileiro, o Paraguassu, entre a capital da Bahia e Cachoeira, era sulcado por um batel a vapor; e já em 1819 contava a nossa incipiente marinha mercante navio "a vapor", que começavam a substituir nas costas do Paiz a morosa navegação veleira, e a tornar mais rapidas as comunicações e transportes entre o sul e o norte, tão afastados então da Patria naquelles tempos. E o progresso foi tamanho que, em 100 annos, conseguiu o Brasil, Srs. deputados, uma frota mercante de quasi 600 mil toneladas, o que lhe confere no globo um logar logo após a marinha mercante japoneza.

Si de 1829 data o primeiro caminho de ferro na Grã-Bretanha, patria do invento de Stephenson — já em 1835 cogitava o Brasil de conceder "estradas de ferro"; e, em 1851, a audacia emprehedora de Mauá fazia inaugurar os primeiros 17 kilometros de linha ferrea, entre a baixada fluminense e a raiz da Serra da Estrella, rumo de Petropolis, a Versalhes do Brasil Imperial. E hoje a mesma rede de caminhos de ferro, interessando a todos os Estados da Republica, tem mais de 35 mil kilometros em trafego, incluindo toda a viação terrestre a vapor e electrica, com as

diferentes linhas e ferro carris urbanos e pequenas ferro-vias e estabelecimentos industriais, estradas de penetração, com diferentes bitolas, etc.

Iniciavamos a Nação com 18 províncias, em 1822, e nos meados do mesmo século já contava o Brasil mais duas circumscrições: o Amazonas, constituído pela antiga Capitania do Rio Negro, que estivera incorporada ao Pará, com sua extensíssima comarca, maior que muitos reinos e imperios da terra; e o Paraná, destacada de S. Paulo e a cuja jurisdição pertencia a saluberrima região curytibana, que se tornou o centro daquella nova unidade administrativa do Imperio.

Por este amplissimo territorio patrio, na era da nossa Independencia, o numero de habitantes já orçaria por quatro milhões (algarismo esse bem superior ao que tinha na Europa a Nação portugueza que até 1822 nos fora Metropole politica, porque já de 1808 havia datado a morte da Metropole economica, com a abertura dos portos brasileiros ao commercio das Nações amigas); e por estas terras brasileiras se espalharam gentes de todos os climas e raças, contendo-se só de alienigenas 3.648.382 "immigrantes" vindos para o Paiz no período dos 20 lustros de 1820 a 1902; e hoje pode o Brasil dizer que por um censo demographico escrupuloso conta 30.635.605 almas a sua população, nas vespas deste magno acontecimento da sua historia.

E ao par desse esforço de povoar e civilisar a terra patria é justo recordar que; para defender a vitalidade da raça, introduzimos a vaccina Jenneriana em 1809, como inicio dos cuidados futuros da nossa actual campanha de prophylaxia rural e de combate ás molestias epidemicas e endemias tropicaes, na humanitaria cruzada de libertar o valente sertanejo, o pioneiro do deserto interior, dos assaltos insidiosos do impudismo da uncinariose, dos tripanosomas de todas as especies, que são praga mais temivel para o organismo humano que as picadas dos nossos ophidios e escorpões.

Antes de semear os campos, emprehendera o Brasil a herculea obra de sanear esta formosa capital e tantos portos e centros urbanos do nosso littoral, de onde o espantallo da febre amarella foi varrido para sempre.

E para instruir a mocidade creavamos, gradualmente, centros de estudos superiores, desde Olinda a S. Paulo (1823) para o ensino das sciencias juridicas e sociaes; do mesmo modo que, na Bahia e aqui, na capital do paiz, se haviam installado as Faculdades medicocirurgicas, sob João VI; e mais tarde haviam de vir as Academias Militares e a Escola Central de Engenheiros, hoje Polytechnica, e a notavel Escola de Minas de Ouro Preto (esta em 1876); até chegar o Brasil ao estado actual de contar um ensino universitario e academico dos mais completos do mundo, com perto de cem Escolas Superiores (de Dreito, Medicina, Engenharia, Philosophia, Pharmacia, Odontologia, Letras, Theologia, etc), embora, infelizmente, não lhe corresponda, no territorio nacional, identica prosperidade do ensino primario e profissional todavia já seriamente cuidado em alguns Estados da Federação, entre os quaes é absolutamente justo apontar São Paulo, Minas e Rio Grande do Sul, nesta cruzada contra o analfabetismo, reducto onde se acastellam todos os factores do erro e da rotina, no seio de um povo, seja elle qual for.

E o cultivo didactico das Bellas-Artes, iniciado em 1817 pela fundação da Academia do Rio, com mestres francezes, se expandio e aperfeçoou; e as reformas sociaes, ditadas pelas exigencias da cultura politica das nações livres, tambem vieram, em 1826, com a vida parlamentar organizada e com a nossa Carta Constitucional; em 1830, com o adeantadissimo Codigo Criminal, onde o espirito de Ber-

nardo de Vasconcellos vasou a sua sciencia e liberalismo; em 1835, com o Acto Adicional e o inicio das Assembléas Legislativas das Províncias; em 1850, com a monumental construcção juridica das leis processuaes, no Regulamento n. 737 e da lei de terras, regulamentada em 1854, emquanto que o Codigo Commercial vinha se juntar ao systema de nossas leis, no antigo regimen.

E "pari passu" outros grandes melhoramentos nacionaes: o telegrapho terrestre electrico, em 1852, montado por Capanema, vinha se irradiando pelo interior do paiz, egualmente penetrado pelos caminhos de ferro; o cabo submarino aterrava em costas brasileiras, pondo-nos em communicação com os paizes de além-mar; as colonias estrangeiras, começadas com os primeiros nucleos germanicos de Friburgo e São Leopoldo, e depois Petropolis, Nova-Hamburgo, Blumenau, Ibiçaba, Philadelphia (hoje Theophilo Ottoni), Juiz de Fóra, etc., passariam a modificar a nossa vida agraria com o braço do trabalhador livre; e novas correntes immigratorias invadiriam o paiz, principalmente as regiões do paralelo 20 para o extremo sul, trazendos o excellent elemento italiano, o hespanhol, o slavo...

Era a fusão de raças estrangeiras com o sangue nacional, já caldeado no aborigene e no luso e no africano; deste, cessava o trafico abominavel pela acção energica de Eusebio de Queiroz, em 1850; e se estancava o ventre escravo, só nascendo gente livre, no Brasil, desde 1871, com a humanitaria lei do primeiro Rio Branco; e depois, entre 1884 e 1886, eram os sexagenarios a coberto do captivo, com a iniciativa parlamentar de Dantas, Saraiva e Cotegipe, gloriosa trindade de antigos estadistas bahianos.

Não parára a epopéa abolicionista, que deveu a victoria á acção de Joaquim Nabuco, Patrocínio, Antonio Bento e outros paladinos destemidos, bem como ao genio bondoso dos imperantes e ao sentimento christão da familia brasileira, em geral; a lei aurea de 1888, sob o ministerio João Alfredo permittia a Isabel, a princeza regente, cingir a fronte com o refulgente diadema de Redemptora de 700 mil irmãos nossos, tornados livres em terra patria, por um breve dispositivo legal, votado em poucas horas, no Parlamento.

A abolição da escravatura, que custára á grande Republica Norte-Americana cinco annos de sangrenta e dispendiosa luta civil, se fazia no Brasil por entre flores e ovações sem nenhum excesso de hyperbole, tal o entusiasmo daquella ardente geração, que já presentia o ruir do throno e sonhava a Republica proclamada um anno e tanto depois da extincção do elemento servil.

Ainda nos deixara a monarchia entre outros grandes melhoramentos e reformas: a livre navegação do nosso gigantesco valle amazonico e do S. Francisco, que é o rio puramente brasileiro por excellencia; a grande obra do censo nacional de 1872; o combate serio ao enfraquecimento do credito publico, evitando novos encargos e emissões inoportaveis pelos recursos ordinarios e normaes do Thesouro. Cimentou-se o prestigio nacional do Brasil feito arbitro de questões entre outras potencias como nos conflictos entre o Peru e o Chile, a paz a guerra do Pacifico e em outros casos diplomaticos americanos bem conhecidos. Mas tambem nos legara o Imperio outros magnos problemas em que coube a Republica o complemento da nobre tarefa de novas reformas e soluções para fazer evoluir convenientemente o paiz. Essas notaveis reformas datam de 1889 com a Federação das antigas províncias centralizadas que se tornaram Estados autonomos da União Brasileira. Fizemos então a separação da egreja do Estado com a formula feliz da "Igreja livre no Estado livre"; e depois da Italia e França, é

o Brasil a mais populosa nação catholica do globo, mesmo acima da Hespanha, da Polonia e da fragmentada Austria; e sob a Republica, a religião tradicional de nossa Patria prosperou como nunca, com um episcopado illustre, e tão numerosa que só Minas Geraes tem hoje tantas dioceses quantas eram as de todo o Brasil ao mudar o regimen monarchico do Padroado, quando o poder da Coroa, comprimindo as consciencias, chegava a condemnar Bispos da estatura moral de um Macedo Costa ou de um frei Vital.

Neste momento em que fallo, a agradável presença de uma embaixada pontificia, tão solemne e especial, na commemoração do Centenario da nossa Independencia, é prova evidentissima da importancia social que o catholicismo no Brasil assumiu aos olhos da Santa Sé, onde a politica sagaz e discreta do Vaticano cada vez mais se impõe á consideração de todo o mundo, de um a outro hemispherio.

E não era sómente a separação da Igreja e do Estado; eram ainda a secularisação dos cemiterios, o casamento civil obrigatorio, a liberdade de cultos, o suffragio universal, a grande naturalisação de estrangeiros; o registro civil, como base legal de estatistica da nupcialidade, natalidade e mortalidade; o Codigo Penal de 1890; a lei hypothecaria e o registro da propriedade agraria pelo admiravel systema Torrens; foi esta, em traços geraes, Sr. presidente, a obra gigantesca que levou a effeito o regimen republicano, no periodo dictatorial entre 15 de Novembro de 1889 e 24 de Fevereiro de 1891, com a collaboração incessante de Constant, Campos Salles e Ruy Barbosa, que se contavam entre os mais illustres membros do Governo Provisorio. Todos os nobres representantes do Povo Brasileiro aqui presentes bem conhecem as etapas da nossa historia politica contemporanea; e eu apenas recordarei que da Constituição Federal de 1891 dimanou a serie de medidas para a perfeita organização democratica do Brasil republicano, onde em 1917 se completou com o Codigo Civil a legislação systematica de garantia e defesa ás pessoas, direitos e bens dos habitantes do nosso paiz.

O arbitramento como base constitucional para regular todas as nossas contendidas internacionaes nos permittiu concluir, de vez, as irritantes questões de fronteira com as nações irmãs da Sul-America e nossas limitrophes pelo Norte, Oeste e Sul do Brasil.

Toda a nossa faixa linceira com a Guyana Hollandeza, a Venezuela, a Colombia, o Peru e o Paraguay, se estabeleceu, com firmeza por tratados e demarcações amigaveis; e os laudos arbitraes de Berna e de Washington eram proferidos pelo Governo Suisso e pelo presidente Cleveland, pondo termo aos litigios entre o Brasil e a França, quanto ao Amapá, ao sul da Guyana Franceza; e entre o Brasil e a Argentina, quanto ao territorio das Missões, na zona austral do nosso paiz.

O laudo de Roma encerrava, pela decisão do rei da Italia, a nossa contenda com a Inglaterra, em relação á Guyana Britannica; e a politica elevada de Rio Branco conseguiu reincorporar ao Brasil o territorio acreano, a Noroeste, por negociação directa com a Bolivia, no Tratado e Convenio de Petropolis; emquanto que, por outro lado, o condominio da Lagôa Mirim era dado aos nossos irmãos do Uruguay, ficando tambem por essa parte meridional finalizadas, "ad semper", as nossas hereditarias questões de dividas com paizes visinhos, e que vinham de anteriores disputas entre as Coroas de Portugal e Hespanha.

O credito brasileiro vinha sendo tradicionalmente defendido por honrados banqueiros inglezes, desde os tempos da nossa emancipação politica, quando a voz de Canning se fazia ouvir na Europa, pugnando perante as velhas Côrtes alliadas de Portugal e Hespanha pela

independencia não só do Brasil como das jovens nações americanas; mas, sob a republica desastrosas discordias civis, nos primeiros annos do regimen, abalaram fortemente o nosso credito; e por outro lado os encargos que o Thesouro Nacional procedendo a grandes emprestimos e compromissos externos ocasionaram depressão nas taxas cambias, aggravando-se melindrosamente a situação economico-financeira do Brasil. Confirmava-se em sociologia o velho aphorisma de que "Natura non facit saltus", sem deixar consequências violentas do pulo e do abalo; a implantação das novas instituções, reformando de alto a baixo, de "fond en comble", o velho edificio monarchico expandira demasiado os laços federativos, quasi a ponto de sacrificar-se o conjunto da União Federal, sobrecarregada de formidaveis onus sem os consequentes meios réditos, na primeira decada republicana. Mas o pesadello financeiro dos dias "Funding Loan" passara; o paiz cresceu em juizo e recursos; a Patria Brasileira apertou os elos nacionaes, pela melhor comprehensão e pratica do regimen; e por todo o nosso territorio se observa um intenso latejar de vida, traduzindo com esplendidas realizações o vertiginoso progresso do Brasil, sob todos os aspectos em que o encaremos. As crises e os gastos publicos e particularés entre nós acaso esbarram no quebra-mar da potencialidade economica do paiz, no desenvolvimento crescente do seu commercio, de sua população, de suas industrias e de suas novas fontes de riquezas exploradas. Vias de transportes terrestres e fluviaes; portos e docas; portos e costas; saneamento de campos e cidades; monumentos d'artes e casas de ensino e educação; quartéis e arsenaes; navios e estaleiros; fabricas, estancias, usinas e fazendas, novas povoações, cidades modernas; dotadas de conforto hygienico de agua, luz e exgotos, partes de jardins: eis o quadro do Brasil novo, onde todas essas obras civis ou militares publicas ou particulares, representam accumulção de riquezas permanentes fixadas ao solo patrio, em um reforço do nosso grande monopolio material e moral.

Nestes ultimos 20 annos, o Rio se transformou na terceira metropole latina da Terra, depois de Paris e Buenos-Aires, ás quaes só cede a primazia, não em sua maravilhosa belleza natural e outros dons, maxime no algarismo actual de população. Os portos maritimos do Rio, Santos, Rio Grande, Victoria, Bahia, Recife, Belém e Manáos receberam installações condignas da apparelhagem e melhoramentos exigidos pelo intenso trafego costeiro e transoceanico, que por elles se faz. Em alguns Estados, ou se construíram admiraveis capitales, qual Bello Horizonte, edificadas entre 1894 e 1897, com o esplendor do arrojo de uma obra perfeitamente americana... ou se transformaram em uma transfiguração de magia velhas cidades coloniaes, como a esplendida capital de São Paulo, segunda metropole brasileira pela opulencia e população; Victoria, Bahia, Maceió, Recife, Parahyba, Fortaleza e as duas metropoles da Amazonia, todas embelezadas, crescidas de vitalidade; emquanto, ao sul e ao centro do Brasil a cidade de Porto Alegre, Pelotas, Corytiba, Santos, Campinas, Ribeirão Preto, Corumbá, Juiz de Fóra, Uberaba, Nitheroy, Petropolis, Friburgo, Campos se converteram em grandes centros urbanos, confortaveis e ricos de industrias e commercio. São milagres do povoamento e da viação e da affluencia de capitales e trabalho, enchendo de vida e movimento tão diferentes regiões brasileiras, onde o braço e intelligencia de nacionaes e advénas se conjugam no mesmo esforço de fazer progredir a terra amavel e boa que os abriga.

(Continúa no proximo numero)

EDUCAÇÃO MORAL

Qual o melhor compendio sobre educação moral?

É uma pergunta que tem sido feita, muitas vezes, por professores dos mais competentes, que não se sentem satisfeitos com os compendios existentes.

E porque não estão contentes os professores com os livros de educação moral?

E' que nenhum desses livros pode ser adoptado para creanças de escola primaria.

Mas deve a educação moral ser ministrada na escola primaria?

Deve, certamente, e em todas as classes, desde a elementar até á complemen'ar.

Toda a escola deve ser educação moral.

Que é, com effeito, a educação moral, senão a aprendizagem para a vida?

Não tem a escola outro fim.

A creança, quando aprende a regra de multiplicação, deve estar convencida de que aprende tambem a ser justa, porque o erro de calculo, se traduz, muitas vezes, n'uma grave injustiça.

O erro pode aproveitar ou prejudicar a quem calcula mal; difficilmente, porém, aproveita, porque a pessoa prejudicada, naturalmente calculará melhor e reclamará.

E' uma iniquidade que não se deve permittir, nem num, nem outro caso. E' preciso aprender a calcular bem, para não ser roubado nem roubar, o que é ainda peor.

Aprendendo a creança uma regra de grammatica, deve ficar certa de que aprende a ser justa, porque aprende a fallar correctamente para ser capaz de dizer fielmente o que pensa, o que sabe e bem comprehender o que os outros dizem.

Um grande desastre pode ter por causa uma informação falsa, dada, sem querer, por quem não sabe se exprimir.

A palavra não foi feita para occultar o pensamento, mas sim para manifestal-o, para dizer a verdade.

Ensinar a fallar bem — é dar uma bocca verdadeira.

E' preciso ter horror do falso e temer tanto ser enganado, como enganar.

A creança quando faz gymnastica e

se esforça para ser um homem forte e agil, deve estar convicta de que trabalha para se tornar um homem util á sua Patria, capaz de lhe prestar serviços quando ella o exigir.

A creança que aprende a cantar, a compasso, deve sentir que se exercita a cooperar em conjuncto, a adquirir certa destreza, sem a qual não ha obra collectiva possivel.

Seria de se desejar que todo o ensino, fosse assim dirigido, para um fim definido e conhecido da creança.

C. A.

CATECISMO CIVICO

Rejubilo-me, quando vejo um espirito superior desviar se por alguns instantes das suas mais altas cogitações scientificas para descer á escola primaria, e ahi doutrinar.

Foi sob tão agradável impressão que li o livrinho que o eminente decão da sabia Congregação da Escola Polytechnica, o Dr. José Agostinho dos Reis, publicou, sob o modesto titulo de *Catecismo civico*.

A educação civica, parte integrante da educação moral, e com ella confundindo-se em grande numero de seus aspectos, é um dos primordiales destinos da escola primaria, da escola do povo. Ahi as suas lições não deveriam ter programma especia! e, muito menos, dias e horas previamente determinadas. São noções que inoculam gradativamente e a proposito; que se subministram sem que os educandos suspeitem, sequer, da intenção do mestre; que se devem insinuar no espirito da criança desde o primeiro dia em que ella vier frequentar a escola e em cujo ambiente, sublimado pelas virtudes dos proprios mestres, deve ser conservada até o ultimo periodo do curso complementar, em que então se lhe poderão fornecer livros especiaes sobre taes assumptos e deverão ser-lhe dadas a estudar as noções essenciaes de direito constitucional que vêm consignadas com a maxima clareza e precisão em alguns capitulos do referido catecismo.

«Todos os objectos, todas as circunstancias, todas as occurrencias, devem servir ao educador de thema para suas lições, e especialmente para as moraes» — assim já doutrinára em 1829 o preclarissimo Visconde de Almeida Garrett.

O nosso Ruy, no opulento *Parecer e Projecto sobre o Ensino Primario*, nessa joia preciosissima da literatura didactica, publicado em 1883, assim tambem doutrina:

«Occupamo-nos em derradeiro lugar com a cultura moral, porque esta especie de cultura, aos nossos olhos, ha de ser um resultado, uma fructificação contínua da direcção imprimida á escola em todas as funções da sua vida.

«Não lhe assignamos, na organização do programma, limites positivos, ensanchas certas e determinadas, porque é nosso pensamento que ella envolva no seu influxo o ensino todo; é nosso voto que se cultive, não absurdamente, como até hoje, pelos processos didacticos, mas praticamente, concretamente, experimentalmente, — unico systema capaz de fazer do sentimento moral, desde os nossos primeiros annos, uma parte viva da nossa alma, um principio constantemente actuante sobre o nosso procedimento».

Um anno depois o Conselheiro Rodolpho Dantas que foi ministro do Imperio e em cuja pasta floresceu a instrucção primaria, no seu parecer sobre a sétima questão aventada no seio do *Congresso de Instrucção* que então se realizou nesta capital, resumiu as suas judiciosas considerações nos mesmos termos:

«E' dirigindo o ensino, aproveitando, em bem da cultura moral, a acção geral delle e valendo-se de todas as oportunidades infinitas que em cada classe, a proposito de cada lição, a pretexto dos mil factos da vida da escola, se oferecem, que o mestre ha de promover a educação moral do alumno, fazendo germinar-lhe no coração e crescer lhe no espirito a idéa do dever, o sentimento moral, a vontade de praticar o bem, que o alumno será assim compellido espontaneamente a conhecer, a sentir, a querer. Da vocação do mestre, do espirito de seu methodo, da acção dos seus exemplos pessoaes em ultima analyse, é que depende soberanamente a educação moral do alumno nas escolas elementa-

res. Eis, pois, que ahi não deve ter cabida o ensino de moral senão intuitivamente, directamente, praticamente.

Cumpra que seja um resultado de todo o ensino, e convem penetrar em todo o programma.

«E' isto o que a lição dos mestres ensina, e os preceitos da legislação positiva começam a impor».

E esta é a doutrina de que estamos profundamente convencidos. Isto, porém, não nos impede que affirmemos ter o illustre cathedratico Dr. Agostinho dos Reis, com a publicação do seu *Catecismo*, prestado relevante serviço a todos quantos conscienciosa e intelligentemente já reflectem, já ponderam sobre o que lêm. E foi muito particularmente aos professores primarios, de ambos os sexos, de todo o Brasil, que coube o melhor quinhão: alliviados do afanoso trabalho de pesquisa dos varios assumptos que se relacionam com a educação civica e senhores dos pequenos detalhes que o methodo socratico tem a virtude de pôr em evidencia, elles saberão prodigalizar louvores ao gesto feliz do referido cathedratico.

Basta o summario das suas lições para se lhes reconhecer o valor e desejar-se a leitura do livro, que mal contem 130 paginas de texto.

Dividido em cinco partes, contem a primeira o estudo: do homem, suas necessidades, da familia, da sociedade, dos sentimentos e qualidades moraes do homem, da honra, do amor da verdade da fidelidade, dos sentimentos de justiça, de equidade, de generosidade e de bondade, da vontade, da iniciativa, da perseverança e da diligencia, da obediencia, da tolerancia, da prudencia e da temperança, do character, da coragem, da necessidade da educação physica, dos cuidados de asseio, ordem e cortezia, da necessidade do trabalho, da necessidade da instrucção e da educação, da necessidade da economia.

A segunda parte estuda: a humanidade e a patria em geral, a organização da patria, a democracia, a republica, o goveno, a justiça, a autoridade, a policia, os symbolos da patria, a bandeira, o hymno nacional, as armas, o amor da terra e da historia, o culto dos antepassados, as datas nacionaes, o patriotis-

mo e o civismo, as forças armadas, o exercito e a marinha.

A terceira parte tem por objecto: a solidariedade humana, o altruismo, o amor da humanidade e da paz, a paz e a guerra, a honra e o brio nacional, as guerras justas e injustas, as guerras inevitáveis.

A quarta parte comprehende o estudo do cidadão, da nacionalidade e dos direitos e deveres em geral, dos direitos e qualidades dos cidadãos, dos codigos, da liberdade e da disciplina, do voto como direito e dever sagrado, do serviço militar, do direito da patria, do dever do cidadão. da necessidade e utilidade do referido serviço para o individuo e para a patria.

A quinta e ultima parte abrange as conclusões geraes e refere-se á Liga da Defesa Nacional, á Cruz-Vermelha Brasileira, aos batalhões de escoteiros, á norma de vida, e termina com as musicas do Hymno Nacional Brasileiro e do Hymno á Bandeira, cujas letras vêm no texto com as do Hymno da Independencia, do da Proclamação da Republica e da Oração pela Patria.

F. CABRITA

»O«

O HYMNO NACIONAL

O Congresso Nacional, por decreto já sancionado pelo Chefe de Estado, acaba de declarar official a letra do hymno nacional, da autoria de Osorio Duque Estrada, o consagrado homem de letras, que em nossa Academia com tanto brilho occupa a cadeira de Sylvio Romero pelo seu primeiro titular collocado sob o patrocínio de Hypolyto da Costa.

«A Escola Primaria», que justamente se desvaneca de contar entre os seus collaboradores o illustre academico que assim recebe tão justa consagração, presta tambem a sua modesta homenagem in-

serindo em suas columnas a letra e a musica do hymno agora officialmente adoptado.

Ouviram do Ypiranga as margens placidas
De um povo heroico o brado retumbante,
E o sol da liberdade, em raios fúlgidos,
Brilhou no céu da Patria neste instante.

Si o penhor dessa igualdade
Conseguimos conquistar com braço forte,
Em teu seio, o! liberdade,
Desafia o nosso peito a propria morte!

O! Patria amada
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brazil, um sonho intenso, um raio vivo
De amor e de esperança á terra desce,
Si em teu formoso céu, risonho e limpido,
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela propria natureza,
E's bello, és forte, impavido colosso,
E o teu futuro espelha essa grandeza.

Terra adorada,
Entre outras mil,
E's tú, Brasil,
O! Patria amada!
Dos filhos deste solo
E's mãe gentil,
Patria amada,
Brasil!

Deitado eternamente em berço esplendido,
Ao som do mar e á luz do céu profundo,
Fulguras, o! Brazil, florão da America,
Illuminado ao sol do novo mundo.

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores
"Nossos bosques têm mais vida",
"Nossa vida no teu seio mais amores".

O! Patria amada
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brazil, de amor eterno seja symbolo
O lábaro que ostentas estrellado,
E diga o verde-louro dessa flammula
«Paz no futuro e gloria no passado.»

Mas, si ergues da Justiça a clava forte
Verás que um filho teu não foge á lucta,
Nem teme, quem te adora, a propria morte.

Terra adorada,
Entre outras mil,
E's tú, Brasil,
O! Patria amada!
Dos filhos deste solo
E's mãe gentil,
Patria amada,
Brasil!

HYMNO NACIONAL BRASILEIRO

Letra de
Osorio Duque Estrada
(edição definitiva)

Musica de
Francisco Manoel da Silva

1.^a STROPHE

Canto

Ou - vi - ram do Y - pi - ran - ga as mar - gens pla - ci - das De um
po - vo heroi - co o bra - do re - tum - ban - te E o sol da li - ber - da - de, em rai - os
ful - gi - dos, Bri - lhou no céu da Pa - tria nes - se ins - tan - te. Si o pe -
nhor des - sa e - gual - da - de Con - se - gui - mos con - quis - tar com bra - ço
for - te. Em teu sei - o, O! Li - ber - da - de, De - sa - fi - a o nos - so peito a pro - pria
mor - te! O! Patria a - ma - da, I - do - la - tra - da, Sal - ve! Sal - - ve! Bra -
sil, um sonho intenso, um rai - o vi - - vi - do De a - mor e de es - pe - ran - ça á ter - ra
des - ce, Si em teu for - mo - so céu, ri - sonho e lim - pi - do, A i -
ma - gem do Cru - zei - ro res - plan - de - ce. Gi - gan - te pe - la pro - pria na - tu -
re - za, És bel - lo, és for - te, impá - vi - do co - los - - so, E o
teu fu - turo es - pe - lha es - sa gran - de - za. Terra ado - ra - da, En - tre ou - tras mil, És tu, Bra - sil, ó Pa - tria a -

- ma - da! Dos fi - lhos des - te só - lo és mãe gen - til, Pa - tria a - ma - da, Bra - sil!

2.^a STROPHE

Dei - ta - do e - ter - nam - te em berço es - plen - di - do, Ao
som do mar e á luz do céu pro - fun - do, Ful - gu - ras, o' Bra - sil, flo - raõ da A -
me - ri - ca, Il - lu - mi - na - do ao sol do No - vo Mun - do. Do que a
ter - ra mais gar - ri - da Teus ri - so - nhos, lin - dos cam - pos têm mais
flo - res; "Nossos bos - ques têm mais vi - da", "Nos - sa vi - da" no teu sei - o "mais a -
mo - res." O! Patria a - ma - da, I - do - la - tra - da, Sal - ve! Sal - - ve! Bra -
sil, de amor e - ter - no se - ja sym - bo - lo O lá - ba - ro que os - tentas estrel - la - do, E
di - ga o ver - de - lou - ro des - sa flam - mu - la: "Paz no fu - tu - ro e glo - ria no pas -
sa - do." Mas, si ergues da jus - ti - ça a cla - va for - - te, Ve -
rás que um fi - lho teu não fo - ge á lu - - cta, Nem te - me, quem te a - do - ra, a pro - pria
mor - te. Ter - ra a - do - ra - da, Entre outras mil, És tu Bra - sil, O! Pa - tria a -
ma - da! Dos fi - lhos des - te só - lo és mãe gen - til, Pa - tria a - ma - da, Bra - sil!

BIBLIOGRAPHIA

Temos sobre a mesa o 1.º numero da "Educação", revista mensal que apparece sob a competente direcção do illustre deputado, Dr. José Augusto, nome vantajosamente conhecido como de incansavel lutador em pról da diffusão do ensino popular em nosso Paiz.

A' nova collega desejamos vida longa e feliz.

CORRESPONDENCIA

O. C.—E' verdadeira a propriedade enunciada em sua consulta: a differença entre um numero qualquer de dois algarismos e o numero obtido invertendo-se as posições dos algarismos do numero dado, será sempre um multiplo de nove. Ainda mais: essa differença será de tantas vezes nove quantas unidades se contiverem na differença entre o numero de dezenas e o numero de unidades do numero dado.

A demonstração dessa propriedade não offerece difficuldade alguma.

Com effeito seja

a
o numero de unidades de um numero de dois algarismos e

b
o numero de suas dezenas: o numero dado conterà

$$a + 10 \times b$$

unidades.

O numero obtido, invertendo-se os algarismos do numero primitivamente dado, terá

b

unidades e

a

dezenas ou conterà

$$b + 10 \times a$$

unidades.

A differença entre os dois numeros será

$$(a + 10 \times b) - (b + 10 \times a)$$

ou

$$(10 \times b - 10 \times a) - (b - a)$$

ou ainda

$$10(b - a) - (b - a)$$

e, portanto, será

$$9(b - a)$$

o que demonstra a proposição.

Assim, por exemplo, a differença entre 92 e 29 será

$$7 \times 9 = 63$$

o que é facil de verificar.

E. B. — Joaquim Gonçalves Ledo não era o grão-mestre da maçonaria brasileira por occasião da nossa independencia. Ledo exercia o cargo de primeiro vigilante; o grão-mestre a esse tempo já era o principe D. Pedro, depois primeiro imperador do Brasil, o qual, ao ser recebido na maçonaria, tomou o nome de Guatimozin.

E. F. C. — Transmittiremos a nossa collaboradora J. A. os applausos que lhe mereceu o artigo da mesma professora, sob o titulo *Multiplicando e multiplicador*, publicado em nosso numero de Junho ultimo. Pode ficar certa de que o seu applauso ás idéas expendidas pela nossa collaboradora não é "a voz isolada de uma professora sem autoridade"; podemos afirmar-lhe que, n'esse ponto, tem companhia que não pode deixar de fazer-lhe honra: o eminente professor Francisco Cabrita.

EXPEDIENTE

"A Escola Primaria" circula em todo o Brasil.

Os pedidos de assignaturas devem vir acompanhados da respectiva importancia e endereçados á

Redacção da "Escola Primaria"
Rua Sete de Setembro, 174 — 1º andar.

Pedimos aos nossos assignantes o obsequio de nos enviarem, por escripto tanto as communicações de mudanças de endereços, como quaesquer reclamações relativas á remessa da revista.

Afim de attender aos nossos assignantes, que desejam possuir os numeros d'"A Escola Primaria" dos annos anteriores, resolvemos conceder-lhes, provisoriamente, grande redução nos preços de colleções annuaes, vendendo-as pelos seguintes preços:

Em avulsos.....	9\$000
Cartonada.....	10\$000
Encadernada.....	12\$000
Encadernada especial.....	14\$000

Os pedidos, pelo correio, devem vir acompanhados da respectiva importancia, accrescida de 1\$000, por collecção, para o registro postal.

II = A ESCOLA

O DIA DO «FICO»

LIÇÃO DADA NA ESCOLA «RAMIZ GALVÃO»
NO DIA 1 DE SETEMBRO DE 1922

Crianças

A historia das nações, como a dos individuos e de todas as coisas, é um encadeado ou serie de acontecimentos que se determinam e prendem uns aos outros estreitamente e, por isso só mediante um exame de conjuncto podem ser bem comprehendidos.

A independencia politica do Brasil é, por exemplo, marcada em 7 de Setembro de 1822, mas o facto que esta data registra existia duma forma material e irrevogavel desde que o Brasil attiggiu o desenvolvimento e a grandeza precisos para se governar por si mesmo e dispensar a tutela e os conselhos da mãe patria.

Quando em 1808, aqui aportou a frota que trazia a familia real de Bragança, resolvida a permanecer em terras brasileiras, emquanto na Europa, então convulsionada pelas conquistas de Napoleão, restasse o mais pequeno perigo, o coração dos brasileiros exultou, fremiu de entusiasmo, antevendo na transferencia da Côrte Portugueza um revigoroamento ás suas aspirações de progresso, descortinando nella um alvorecer bonançoso de um dia feliz para o Brasil, até aquella data jungido a uma serie de provações e misérias que supportava máo grado seu, subordinado á tutela de Portugal.

O sangue jorrado por tantos heroes, barbaramente sacrificados na defesa das suas nobres aspirações, fertilizara o terreno em que já medravam vigorosas raizes de uma grande arvore — a arvore da Liberdade—sob cujas ramagens verdejantes contavam descançar e fruir os bens que só ella podia dar.

A nossa patria era já quasi uma nação, em que fervilhavam as idéas de independencia, demonstrando-o de modo claro e preciso os movimentos chefiados por Felipe dos Santos, Tiradentes e tantos outros, trucidados pelas deshumnas leis da Metropole.

Não obstante, na vida da grande colonia, zombando da severa vigilancia dos governadores das capitancias, propagavam-se as idéas liberaes.

Data de 1720 a primeira explosão nacional em prol da independencia da Patria, frustrada, porém, pela perfida sancção do governador de Minas Geraes, que attendeu a todas as imposições dos conjurados, para, depois de aplacar-lhes a furia, aproveitando o momento opportuno, prender e acorrentar os revoltosos, capazes de dirigir o povo sublevado, e determinar a pena capital do mais influente—Felippe dos Santos—considerado o mais diabolico dos homens. E, assim, em Julho daquelle anno, perante grande massa popular foi o primeiro martyr da independencia nacional, atado vivo á cauda de quatro fogaes e arrastado pelas ruas de Villa Rica.

Tempos mais horroresos, porém, estavam ainda reservados para o Brasil, ultrajado pelas medidas oppressoras, instituidas para fazer mirrar na arvore da Liberdade os seus melhores elementos de expansão. Apesar disso, o espirito brasileiro sorvia com entusiasmo as auras da independencia, vitalizadas pela fecundidade intellectual da nossa terra.

De nada valeu o rigorismo da Côrte que vedara no Brasil a entrada das obras, consideradas por ella como offensivas á paz e attentatorias á virtude. Esses livros, fulminados, embora, pela censura regia, tiveram acesso no Brasil, e a doutrina de philosophos como Jean Jacques Rousseau, Voltaire, Spinoza e tantos outros, produzia os seus effeitos no espirito dos patriotas, exaltado pelos recentes progressos das idéas liberaes em França e, com o exemplo dos Estados Unidos da America do Norte, que haviam sacudido o ferrenho jugo da Metropole.

E na alma de um punhado de brasileiros que cursavam as Universidades de Coimbra e Montpellier surgiu clara e radiosa a idéa da emancipação politica de seu paiz, conseguindo um delles — Domingos Vidal Barbosa—chegar a Minas Geraes e entender-se com o alferes de cavallaria —Joaquim José da Silva Xavier—o Tira-

dentos—aliado a uma pleiade de homens cultos e de idéas independentes. Era Tiradentes, o homem altivo e patriota, a verdadeira incarnação da justiça e da liberdade e por isso mesmo, confiante de mais no exito feliz da conspiração, que o levava a expôra qualquer um e com a melhor boa fé as suas idéas revolucionarias.

Resultou dahi a denuncia da conjuração, obra do delator infame—Joaquim Silverio dos Reis, — alma reprobata e vil de trahidor que procurou insinuar-se na intimidade dos chefes do movimento, para poder com detalhes descrever ao governador da capitania os planos da revolução. Honrarias lhe foram concedidas pela côrte portugueza, o que não impediu que tão satânico espirito acabasse torturado de remorso e cercado do desprezo e abominação dos contemporaneos.

Reprimida a revolta, devassas foram feitas, depois de presos todos os revolucionarios e, Tiradentes, o unico que sem perder o ardor patriótico e a altivez de espirito que o caracterisavam, chamou a si toda a responsabilidade dos acontecimentos, viu-se incurso nas iras da terrível Metropole que o condemnou á pena ultima. A 21 de Abrii de 1792 foi esquartejado, depois de enforcado em praça publica, o heroe cuja vida fecunda é um exemplo vivo de amor e de civismo e cujo nome a Historia registra em sua pagina de ouro.

Opprimido, embora, o espirito brasileiro não succumbira; manifestava-se desperto e com forças para trabalhar pela independencia da Patria.

Tal era o Brasil, quando, como refugio foi procurado pela enorme comitiva do principe regente de Portugal—D. João de Bragança.

E, assim, graças a essa occorrença, foram os portos brasileiros abertos ao commercio das nações amigas; repartições publicas foram organisadas, crearam-se academias, uma imprensa regia, uma bibliotheca nacional, um banco — o do Brasil, deu-se impulso a todas as manufacturas e á agricultura, abriram-se estradas e vias de communicacão e, para coar a serie de beneficios, elevou-se a colonia portugueza á categoria de Reino Unido ao de Portugal, em 1815. Dado este glorioso passo na senda do progresso, meio caminho andado para a imminente separação da Metropole, dado esse

formidavel impulso, difficil seria impedir a marcha gloriosa da evoluçãõ nacional, caracterizada pelas idéas liberaes, já tão desenvolvidas no paiz e intensificadas pelas antigas rivalidades que entre si nutriam brasileiros e portuguezes.

Surge, então, em Pernambuco, em 1817, mais um movimento tendente a conseguir a liberdade e a republica da capitania.

A cidade agita-se, os patriotas correm ás armas animados pelos seus corypheus—Domingos Martins, João Ribeiro, Domingos Theotônio Jorge, o Padre Miguelinho, o Padre Tenorio, o Padre Roma—e, dentro em breve, a hydra de revolução estendia seus tentaculos na Parahyba, no Rio Grande do Norte e em outras capitancias onde as forças de El-Rei, calcando cadaveres, entoaram hymnos de uma victoria ingloria, afogada em sangue; Estava morta a revolução e, vencidos pela mão da vingança, pela corda da força e pelo fuzilamento, foram mutilados pela faca retalhadora da profanação, para exemplo de futuros revolucionarios, os infelizes patriotas que se pronunciaram contra o despotismo portuguez.

Todos esses acontecimentos deixavam ver sem dissimulação os meios violentos e tyrannicos postos em execução pela politica realista para dominar a esperança da independencia.

Nesse estado de angustia D. João VI que em 1818 fôra coroado e proclamado senhor do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, deixou, má grado seu, as nossas plagas com rumo a Portugal, onde lavrava o descontentamento e a desordem, nascidos do atrazo em que se afundara o paiz depois que a familia real para aqui se trasladara, e da completa ruina do commercio e industria, como consequencia da abertura dos portos brasileiros ás nações amigas. Não o fez porém, o monarcha sem recommendar ao filho—D. Pedro I—que se apoderasse da corôa do novo imperio antes que um aventureiro o fizesse. Chegado, entretanto, a Portugal, manifestou-se a má vontade contra a nossa patria. Com o proposito de humilhar e enfraquecer o Brasil, disposições foram tomadas para reduzi-lo ao primitivo estado de colonia. Choviam decretos absurdos annullando actos, destruindo instituições, tentando desse modo crear peias á marcha glorio-

sa do Brasil, no seu vasto campo de acção moral e intellectual.

Contra taes injustiças logo se insurgiram todos os brasileiros e até muitos portuguezes, a começar pelo chefe do chamado partido portuguez—José Clemente Pereira.

E, assim, pelo decreto de Abril de 1821, que considerava todos os governos provinciaes independentes do governo do Rio de Janeiro, mas sujeitos ao de Portugal, viu-se D. Pedro I reduzido a simples governador do Rio de Janeiro. Triste perspectiva esta para um principe ambicioso, a quem as glorias de uma corôa não eram indifferentes, mas que, em face de um novo decreto, o de 29 de Setembro, mostrou-se irresoluto e tendente a satisfazer as exigencias da côrte portugueza. Extinguia este decreto todos os tribunaes existentes no Rio de Janeiro e, para cumulo de arrogancia, ordenava que o principe partisse para o Reino, afim de aprimorar a sua instrucção.

Preparava-se D. Pedro para dar sermos dignos continuadores da obra grandiosa dos nossos antepassados.

Abençoemos e proclamemos bem alto os nomes gloriosos dos grandes patriotas, que trabalharam pela independencia do nosso muito amado Brasil.

Zulmira

Exercícios e problemas de geometria e arithmetica

1º Anno

Problema

I

Quantas vogaes ha nesta phrase?

«Mamãe é muito boa»

Quantas consoantes?

Quantas letras?

Solução

Vogaes: a, a, e, e, u, i, o, o, a— 9 vogaes.

Consoantes; M, m, m, t, b- 5 consoantes.

Letras 9 + 5 = 14.

II

Problema

Fiz uma caixa da forma de um cubo. Em cada face vou collar uma figurinha, excepto numa que vae ser a base da caixa. Custando cada figurinha 2\$000, quanto pagarei por todas. ?

III

Problema

Minha irmã fez tambem uma caixa de fórma *prismatica quadrangular*.

Vae enfeitá-la com lacinhos de fita em todos os vertices. Cada laço leva 1/2 metro e a fita custa 2\$200 o metro.

Qual será a despeza de minha irmã?

Nota— No primeiro anno, a observação concreta é indispensavel; faltando os objectos, mostremos os solidos ou desenhemos as figuras no quadro negro. O calculo do preço de meio metro será mental, de accordo com o programma.

IV

Problema

Paulo tem 8 caixinhas com os respectivos e seguintes numeros de bolinhas:

12, 8, 4, 17, 18, 6, 10, 25.

Da 1ª caixinha vae tirar 9 para um seu irmão; da 4ª tira 15 para sua irmã; da 7ª e da 8ª vae tirar meia duzia de cada uma para dois colleguinhas. Com quantas ficará?

Calculo expresso

$$12-9+8+4+17-15+18+6+10-6+25-6=$$

$$=(12+8+4+17+6+10+25)-(9+15+6)=82-36=46$$

Nota— Explicaremos aos alumnos que se torna muito mais facil juntar todas as bolinhas que Paulo tem e, separadamente, todas aquellas que elle vae dar.

E, do total das bolinhas de Paulo tiraremos, todas juntas, as bolinhas de que elle vae dispor para ver quantas lhes restam.

Diversos exercicios. neste typo, lhes darão intuitivamente noção d'aquillo

que, em geral, lhes é ensinado da seguinte maneira (pobres creanças!) «Sommam-se os termos negativos e separadamente os positivos e opera-se a subtracção».

V

Expressão

9-39+40-50+32+12-3=

Nota — Concretizando o calculo acima expresso podemos fazer ver que de 9 laranjas por ex, não podemos tirar 30, as sim como, de 40 não podemos tirar 50; mas, se juntarmos todos os grupos que temos (9+40+32+12) formaremos um monte de 93 laranjas, e, d'ahi, poderemos tirar: 30+50+3=83 laranjas.

VI

Problema

Medindo cada aresta de um cubo 10 centímetros, qual será o comprimento total de todas as arestas?

Nota — Segundo o programma podemos dar aos alumnos a divisão do metro em decímetros e centímetros e poderemos pedir que calculem em 12 decímetros quantos metros ha.

VII

Expressão

(24+18X3-5X15)÷3=

(24+54-75)÷3=

(78-75)÷3=

3÷3=1

VIII

Expressão

(26-7+2-5-3+14+9) [45÷(4+5)]=

(51-15)(45÷9)=

36X5=180

2º ANNO

I

Problema

Um filho ganha 4\$500 por dia.

3.º ANNO

I

[(89,945-3,87) (4,16+5,9-6,25-2)] / 27,5 × (4,42-0,97-3,45)=

[86,075 (9,25-8,25)] / 27,5 × (4,42-4,42)=

(86,075 × 1) / 27,5 × 0=0

O pae recebe 35\$000 por semana. Economizando cada um 40\$000 por mez quanto gastam os dois juntos por anno? Solução

O filho recebe por mez:

4\$500X30=135\$000

O pae recebe por mez:

35X4=150\$000.

Despeza do filho por mez:

135\$000 -40\$000=95\$000

O pae gasta por mez!

150\$000-40\$000=110\$000

Gastam os dois juntos por mez!

95\$000+110\$000=205\$000

Gastam os dois por anno

205\$000X12 =2:460\$000

Resposta —Gastam os dois por anno 2:460\$000.

Expressão dos calculos a realizar

[(45000X30-40.000)+35.000X4=40.000)]12=

II

Exercicio

Responder as seguintes questões:

Quantas faces tem um prisma ?

O cylindro quantas faces pode ter?

Uma pyramide de base quadrada quantas faces terá?

Um prisma de base pentagonal quantas faces poderá ter?

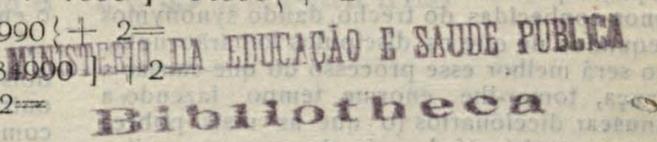
Quantas faces tem a esfera?

O cone?

Qual a differença entre a superficie da esfera e a superficie do cubo?

Nota — O professor deverá ter dado, a vista dos solidos, examinando-os mesmo juntamente com os alumnos, as noções de faces, angulos arestas etc, observando simultaneamente, quaes os que podem variar de base e mostrando que em funcção do numero de lados do polygono basico está o numero de faces do solido.

Como em todos os exercicios de placar... II (5,6-2,03)² × [9,9÷0,0225]³ ÷ 1000]-84990 { + 2= (3,57)² × [(440)³ ÷ 1000]-84990 { + 2= 12,7449 × [(85184000 ÷ 1000) -84990] + 2= 12,7449 × (85184 -84990) + 2= 12,7449 × 194 + 2= 2482,5106 + 2=2484,5106



III

Coll

(2;1-52,079 | 85,6-0,0009) (45,60 × 3)¹

Registro

Diretoria Geral de Informaçoes, Estatística e Demografia

3,1 × 100 = 310 95,60 ÷ 100 = 0,956 4,7 × 1000 = 4700 0,0008 ÷ 1000 = 0,000008 3,1 ÷ 100 = 0,031 0,4567 × 10 = 4,567

PROBLEMA

Uma senhora faz 18 pares de sapatinhos em 6 dias. Quanto lucrará por anno sabendo-se que : não trabalha aos domingos ; a lã custa 9\$000 cada novello ; um par de sapatos leva 1/2 novello de lã e vende os sapatos a 30\$000 cada duzia.

SOLUÇÃO

- Faz em um dia : 18 ÷ 6 = 3 pares. Dias de trabalho por mez : 30 - 4 = 26. Faz por mez : 3 × 26 = 78 pares. Em um anno : 78 × 12 = 936 pares. Preço 1/2 novello de lã : 3\$000 ÷ 2 = 1500. Gasto nos sapatos por anno : 1500 × 936 = 1:404\$000. Duzias de sapatos 936 ÷ 12 = 78. Receita annual : 30\$000 × 78 = 2:340\$000. Lucro : 2.340\$000 - 1:404\$000 = 936\$000.

J. A.

LEITURA EXPRESSIVA

Não ha, talvez, para o professor dos dois ultimos annos do curso primario, dificuldade maior a vencer do que a do ensino da leitura expressiva.

Já o alumno lê correntemente; dá-se-lhe, porém, o trecho a ler e que de defeitos, Santo Deus ! Os que leem melhor, fazem-no mecanicamente, obedecendo á pontuação de um modo irreprehensivel mas... sem que o assumpto seja assimilado.

Um resumo de pequeno capitulo custa, seguramente, quinze minutos de trabalho exaustivo de perguntas, de novas leituras, havendo, assim, extraordinario desperdicio de tempo. O horario dá-nos quarenta minutos para a leitura explicada. Ora, quarenta minutos podem ser suficientes para que leiamos o trecho, expli-

quemol-o superficialmente e façamos cada alumno ler um pouco. Nas classes de 28 a 30 alumnos de frequencia é para o que nos chega o tempo, restando-nos, ás vezes, alguns minutos para uma explicação ou uma analyse. Note-se que, para isso, torna-se necessario que cada alumno leia apenas umas dez linhas, o que vale tanto quanto não ler.

Nos meus onze annos de pratica em classes complementares, cheguei á conclusão de que um unico meio se offerece capaz de remediar quanto possivel esse mal.

São quatro os dias de aula de leitura por semana ; distribuamol os do seguinte modo :

Segunda-feira — É o dia da explicação do trecho que devemos ler pausadamente, dando algum exagero á expressão. Não acho conveniente procedermos á leitura de uma só vez e sim aos pedaços, conforme o sentido, commentando-os immediatamente e fazendo os alumnos de intelligencia mais curta explical-os logo após, lido, depois, todo o capitulo de uma só vez

faz-se um resumo rapido de todo o assumptoahi desenvolvido.

Em seguida, munido cada alumno de papel e lapis, o professor explicará todas as palavras menos conhecidas do trecho, dando synonymos adequados de que os discipulos tomarão nota. Não será melhor esse processo do que cansar a criança, tomar-lhe enorme tempo fazendo-a manusear dictionarios (o que as mais pobres não possuem) e até desanimar-a porque, muitas vezes, tira o primeiro synonymo que encontra e que nem sempre se applica ao caso?

Quarta-feira — Teve o alumno tempo bastante para estudar o que lhe foi explicado.

Procede-se á leitura. Já se sabe: o primeiro a ler será o professor. O alumno observará, desse modo, a pronuncia de qualquer palavra sobre a qual tenha duvidas ainda.

A leitura deve ser pausada, em voz bem alta, com a pronuncia muito clara e repetido o mesmo periodo tantas vezes quantas forem necessarias para que a expressão seja perfeita. Não nos conformemos nunca, seja pela falta de tempo, seja pelo aborrecimento do alumno, seja, enfim, pelo fastio de emendar muitas e muitas vezes, com uma leitura incorrecta.

Sexta-feira — E' o dia dos synonymos, da analyse, das explicações novas. Cada alumno substituirá um pequenino trecho do livro por expressões equivalentes. Analysará tambem, lexica e logicamente.

Sabado — E' finalmente chegada a occasião do resumo, o mais difficil de se conseguir mas que, tratando-se de um trecho muito conhecido, muito estudado, não offerece as mesmas difficuldades.

Como em todos os exercicios de elocução, o professor deve escolher primeiramente os alumnos que mais facilidade tiverem para se exprimir, procurando, tanto quanto possivel, evitar o emprego dos termos de que o autor se serviu.

Feito em voz bem clara esse exercicio por dois, tres ou quatro dos melhores alumnos, os outros, por maior difficuldade que tenham de comprehensão ou de expressão, estarão aptos a resumir o capitulo, embora seguindo muito de perto as phrases dos collegas.

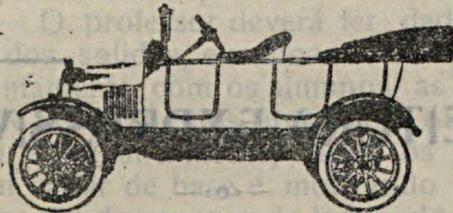
Ao fim de seis mezes, o alumno está perfeitamente familiarizado com 25 trechos, no minimo, conhece-os perfeitamente, sabe-os quasi de cór; e como o vocabulario ali empregado apparece nos outros, não encontra as mesmas difficuldades nos exercicios de synonymia; e como, semanalmente fazia o resumo de um trecho, habitua-se a analysar o sentido, perde a convicção de que não sabe resumir, reflecte, fala. Conhecendo o significado dos termos, comprehendendo o assumpto, a expressão da leitura é um facto.

Não trabalhei até agora em escolas situadas nos bairros urbanos. Ahi, sendo o meio muito melhor, talvez não encontrem os professores os mesmos obstaculos que os da zona rural e até os da zona suburbana, nas localidades habitadas pela população mais desprotegida da sorte. Ahi, pouco ou cousa alguma consegui, enquanto não appliquei o systema que acabo de expôr.

SEBASTIANA M. DE FIGUEIREDO

De todos os automoveis o mais economico

Ford
O AUTO UNIVERSAL



O seu custo é de 50 % menos que o do mais barato automovel de qualquer outra marca. A sua força e velocidade é, praticamente, igual ou superior á dos demais automoveis. As despesas com o seu custeio são insignificantes, graças á economia no consumo de gazolina, diminuto custo das peças sobressalentes e dos pneus. O auto FORD é, pois, o unico que offerece reaes vantagens e atende ás necessidades da actual crise.

VENDAS A PRESTAÇÕES

Agentes

Companhia Commercial e Maritima
Secção «Anto Geral»: RUA BENEDICTINOS, 1 a 17 — Telephones 753 e 759 N.
Stock permanente de peças sobressalentes legitimadas

ESCOLA NORMAL

HISTORIA DO BRASIL

(Resumo de aula)

A ESQUADRA NA INDEPENDENCIA

Não possuia o Brasil uma esquadra homogenea e prompta a movimentar-se para impôr a todos os seus habitantes a obediencia ao heroico brado de 7 de Setembro de 1822, que completava o lidimo desejo dos brasileiros, acariciado, desde 1640; pois, embora a unanimidade dos brasileiros se mostrasse jubilosa com aquelle magno acontecimento, o elemento portuguez, aqui fartamente espalhado, usava de todos os meios para embaraçar a marcha dos negocios politicos.

Dom Pedro I, si não possuia uma vasta cultura, que lhe permittisse adoptar um excellente programma administrativo, era, todavia, dotado de uma certa perspicacia, que lhe proporcionava ensejo de conhecer os homens e de aperceber-se das necessidades immediatas da sua terra. Elle não ignorava, por certo, o papel decisivo que desempenham as esquadras nas grandes questões sociaes; e aos seus ouvidos, ainda, resoavam os echos ruidosos de Mouhir e Trafalgar, que pronunciaram a jornada de Waterloo; portanto, enviou elle os esforços necessarios para a organização da marinha brasileira, designando o capitão de mar e guerra Luiz da Cunha Moreira para exercer o cargo de ministro da marinha (decreto de 28 — 10 — 1822).

“Uma esquadra não se prepara da noite para o dia e muito menos uma marinha de guerra, a qual representa o seguro que faz a nação para garantir a fortuna publica, equivalente a milhões e milhões de contos e que se acha disseminada por toda a extensão dos nossos portos e do nosso littoral, sendo talvez a melhor e mais efficaz defesa da sua honra, da sua integridade e da sua soberania”; essas eloquentes phrases, que escreveu meu Pae, quando, em 1899, occupou a pasta da Marinha, demonstram que uma esquadra, aparelhada para manobrar, logo que receba ordens superiores, constitue a mais solida garantia da tranquillidade publica. Não foi facil, em se attendendo ás circumstancias daquelle momento difficil, organizar-se uma esquadra que pudesse navegar pela nossa immensa costa, levando aos seus diferentes portos aquella agradável nota: não nos era sympathica a maioria dos officiaes da marinha luzitana, e não havia, dentre elles, quem inspirasse confiança, bastante para ser designado commandante em chefe da esquadra brasileira, que era constituída por nãos portuguezas. Dirigia a nossa legação em Londres o marechal Felisberto Caldeira Brant Pontes, que foi incumbido de contractar alguns officiaes da marinha ingleza para commandar os navios da nossa frota; assim, aceitaram o nosso convite os seguintes officiaes Lord Cochrane, João Taylor, Thomaz Crosbie, João Parcoe Greenfell, James Norton, James Sheperd, Samuel Gillet, Jorge Clarence, Raphael Wright Charles Jell que prestaram assignalados serviços ao Brasil, que, mostrando-se reconhecido ao seu valioso concurso, lhes concedeu honrarias, commen-

das, soldos compensadores e diversas regalias. Lord Cochrane, que mereceu o titulo de marquez de Maranhão, assumiu o commando, em chefe da nossa esquadra, no dia 21 de Março de 1823 e içou o seu pavilhão na não “Pedro Primeiro”. Além da não “Pedro Primeiro”, que era talvez o melhor navio, compunha-se a esquadra das seguintes unidades, fragatas “Nitheroy”, “Ypiranga” e “Carolina”, corvetas “Maria da Gloria” e “Liberal”, bergantim “Guarany” e escunas “Leopoldina” e “Real”.

Foi a Bahia, onde se encontravam concentradas as forças do general Madeira de Mello, que não trepidavam em commetter monstruosidades, como por exemplo, o assalto ao convento da Lapa e o assassinato da madre Joanna Angelica e do conego Daniel Lisboa, o primeiro porto demandado pela esquadilha, que navegava sob a direcção de Cochrane. Havendo zarpado deste porto, na manhã de 3 de Abril, somente, na tarde de 25 do mesmo mez de Abril, avistou a esquadilha de Cochrane as terras da Bahia. Eram excellentes os recursos de que dispunham os portuguezes na Bahia, razão porque desejava o general Madeira de Mello um encontro das duas esquadras inimigas; mas, o enalhe da não “Dom João VI”, que não foi, razoavelmente, explicado, adiou por algumas horas o combate naval.

Cochrane, porém, que era um marinheiro destemido e acostumado a enfrentar o perigo, manteve o fogo durante horas consecutivas, e determinou que os demais navios ancorassem no morro São Paulo, uma vez que a não “Pedro Primeiro” e a corveta “Dona Maria da Gloria” ficariam incumbidas de vigiar a barra. O bloqueio do porto de São Salvador trouxe os resultados desejados por Cochrane: o general Madeira de Mello e o almirante Felix de Campos, completamente desprevidos de recursos bellicos e de mantimentos, deliberaram capitular; quizeram aquelles dois militares portuguezes impôr umas tantas condições da capitulação, porém, Cochrane endereçou-lhes uma mensagem attiva, na qual estipulava em que circumstancias acceptaria a retirada delles.

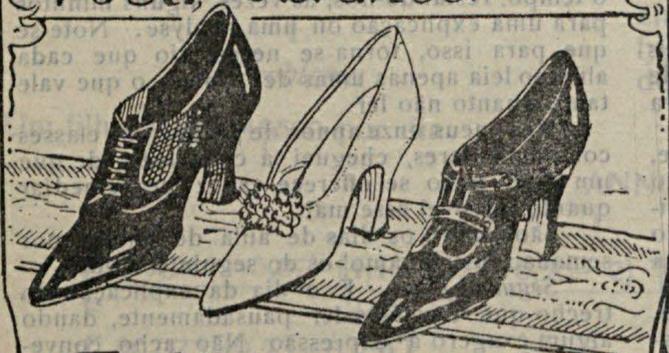
Cochrane, e evacuaram a Bahia as tropas luzitanas. Submeteram-se, afinal, ás exigencias de zitanas na madrugada de 2 de Julho de 1823. Cochrane não se defendeu, cabalmente, da grave accusação de haver deixado a esquadra portugueza, calmamente, levantar os ferros e seguir para o Norte. Receioso de que a dita esquadra luzitana velejasse para o Norte do Brasil, deliberou Cochrane incumbir o bravo João Baptista Taylor, official de reconhecido merito militar, de perseguil-a.

Commandava Taylor a fragata “Nitheroy”, cuja officialidade o estimava bastante, quando mereceu de Cochrane aquella honrosa incumbencia, da qual colheu immarcessiveis louros. Perseguido-a até a barra de Lisboa, conseguiu Taylor aprisionar diversas embarcações portuguezas, as quaes, depois de desarmadas, só ficavam desimpedidas para proseguir no seu roteiro, quando os seus respectivos commandantes exaravam a sua assignatura, num documento, em que se obrigavam a nunca mais commandar navios, que transportassem tropas para o Brasil: Era arriscada a missão da Nitheroy, que, ainda, no seu regresso ao Brasil, em Novembro de

CASA DO BASTOS

R. URUGUAYANA 19-22

Novas criações
em bufalo branco, verniz,
e pellicas de cores, setim,
rosa, e branco.



TEL. 2616 central - Rio -
Tecam Catalogos

1824, conseguia augmentar a nossa frota com as corvetas, escunas e hiates, apresadas em aguas brasileiras; Taylor desempenhou-a com raro brilhantismo, dando sobejas provas da sua capacidade profissional. Cochrane, logo após a partida do valente Taylor, cuja commissão constitue um dos mais brilhantes feitos da esquadra nas lutas da independencia, seguiu na não "Pedro Pr-meiro" para o Maranhão, onde estava fundeada uma grande parte da divisão naval portugueza.

Receiando qualquer desastre, içou Cochrane a bandeira portugueza no seu navio, de sorte que a junta revolucionaria caiu no engodo, mandando, immediatamente, o brigue "Dom Miguel", cumprimental-o. Lembrando-se de que "tout amiral qui n'est pas rusé est un pauvre amiral", Cochrane, recorreu ao ardil para alcançar immediatos proventos: assim, declarou ao commandante daquelle brigue, que elle capturou, que a esquadra brasileira não tardaria em sulcar as aguas do Maranhão e aconselhou-lhe a rendição.

Não tardou a junta revolucionaria em acceder-lhe ao accordo, uma vez que coincidião com os seus desejos os sentimentos de todos os membros daquelle conselho". O brigue "Dom Miguel", que passou a ser denominado "Maranhão", foi, sob o commando de João Pascoe Greenfell, ancorar em Belém, onde os portuguezes pareciam desvaliarados. Conseguiu Greenfell, que era um marinheiro energico serenar os animos e prestigiar as autoridades brasileira; mas tarde commetteu elle accões degradantes, que determinaram o processo, que lhe moveram alguns brasileiros altivos, indignados com a conducta violenta daquelle protegido de Cochrane.

Greenfell conseguiu ser absolvido pela Junta que o julgou; mas, naquellas regiões em que a justiça se não inspira na sympathia mereceu elle o castigo pelas atrocidades que commetteu no porão do pontão "Palhaço". Victoriosa no norte, onde praticára actos de heroísmo, a esquadra brasileira era depois, incumbida de singrar as aguas do sul. O general Lecoq, que se encontrava em Montevideo, era um entusiasta das nossas aspirações; conseguiu reunir na villa de S. José um exercito de 3.000 homens, perfeitamente aparelhado para oppor qualquer resistencia.

O bloqueio do porto de Montevideo ficou decidido, e ás primeiras horas do dia 21 de Outubro de 1823 a divisão brasileira commandada pelo capitão de mar e guerra Pedro Nunes destruiu a esquadra portugueza. Dom Alvaro de Macedo, que commandava as tropas luzitanas, assignou uma convenção (18-11-1823), em se obrigando a abandonar Montevideo; mas, só a abandonou, definitivamente, em principios de Março de 1824, devido á attitudo energica do general Lecoq. Não descançou a armada brasileira depois da completa rendição da Banda Oriental; pois, em consequencia dos graves disturbios de Pernambuco, uma divisão commandada pelo valente Taylor e composta da "Nichteroy" e "Ypiranga", para o porto de Recife. Mais tarde foi reforçada aquella divisão. Não será exaggero o affirmar-se que a esquadra brasileira, tripulada por valentes e briosos marinheiros, que, jamais, fugiram ao cumprimento das suas obrigações civicas, contribuiu, extraordinariamente, para a consolidação da obra de Dom Pedro I, José Bonifacio, José Clemente Pereira, Léo, Januario Barbosa, Hyppolito Pereira, que fez do Brasil um imperio independente e cuja constituição politica era um modelo do adiantamento intellectual dos que a elaboraram. O tratado de 29 de Agosto de 1825 reconheceu a nossa independencia politica; no anno seguinte celebrava o Brasil tratado de paz, amizade e commercio com a França, a Inglaterra e os Estados Unidos, que, decorridas algumas decadas, o escolhiam para arbitro de importantes questões internacionaes.

Soube o Brasil recompensar aquelles que o ajudaram em tão difficil conjuntura e a marinha brasileira, que sempre se recomendou ao apreço publico pela sua attitudo digna, foi, inquestionavelmente, um elemento decisivo para a nossa emancipação politica. Filho de um valoroso marinheiro (almirante Carlos Balthazar da Silveira), que me ensinou as bellezas da nossa historia, para que eu aprendesse a amar o meu paiz e trabalhasse pelo seu engrandecimento, eu sinto um grande entusiasmo, todas as vezes que estudo, com carinho, os episodios da nossa historia naval, que é rica de uteis ensinamentos.

Alfredo de Balthazar da Silveira.

III - LICÇÕES E EXERCÍCIOS

EDUCAÇÃO DO HOMEM E DO CIDADÃO

Nas escolas em que o numero de alumnos for reduzido, o juramento poderá ser individual; no caso contrario será collectivo.

Prescindir-se-á da chamada nominal caso o numero de meninos seja demasiadamente grande.

Os detalhes da cerimonia acima indicados, poderão ser alterados a criterio das autoridades escolares, para maior imponencia, do acto, e sua maior efficiencia como lição de civismo, tocante e suggestiva."

De accordo com a recommendação da Directoria Geral de Instrução Publica Municipal realisou-se a cerimonia do juramento juvenil á Bandeira nas diversas escolas municipaes da Capital da Republica.

A solemnidade realisada no 6º Districto Escolar, sob a inspecção do Dr. João Baptista da Silva Pereira, um dos directores desta revista, foi assim noticiada pelos nossos collegas do "Jornal do Brasil" em sua edição de 6 do corrente.

"FESTAS ESCOLARES

O juramento á Bandeira nas escolas Prudente de Moraes e Casimiro de Abreu

No magnifico predio da rua Barão do Pilar n. 30, onde funcionam as escolas Prudente de Moraes e Casimiro de Abreu, respectivamente dirigidas pelas distinctas professoras DD. Honorina Oliveira Gomes e Esther Moura, realizou-se hontem, sob a presidencia do inspector, Dr. João Baptista da Silva Pereira, a primeira das ceremonias commemorativas do Centenario da nossa Independencia: o juramento de fidelidade á Bandeira, pelos alumnos das escolas do 6º Districto, dirigidas pela reconhecida competencia das Sras. DD. Felicidade de Moura Castro, Maria Reis Campos, Evangelina Xavier, Maria José Reis, America Monteiro de Barros, Maria Solomé, Lavinia Doria, Heliodora Solposto e Maria Luiza Affonso.

As 9 1/2 horas, presente grande numero de pessoas gradas, teve inicio a execução do programma, com uma pequena allocução, proferida pela intelligente alumna Arlette, seguindo-se os Hymnos Nacional e da Bandeira, cantados por todas as crianças presentes.

Dirigiu, então, a palavra ao auditorio, o Sr. Dr. Ignacio Amaral, conhecido pedagogo e professor, convidado para servir de paranympho.

Foi o seguinte o pequeno discurso pronunciado pelo Dr. Ignacio Amaral:

"Meus meninos! — Conferiram-me os vossos mestres a honrosa incumbencia de paranymphar a cerimonia com que vos associaes á commemoração do 1º Centenario da Independencia da nossa Patria, — a cerimonia do vosso juramento á Bandeira, o primeiro acto de vossa vida, pelo qual ides assumir o compromisso solemne de sempre "amar e honrar a nossa Patria, pugnando pelo seu engrandecimento com lealdade e com perseverança."

Não venho ensinar-vos o amor da Patria.

Bem cedo começastes a amal-a, mesmo ainda antes que a tivesses bem conhecido e quando os vossos corações principiaram a pulsar nas primeiras expansões que vos ligaram á vida pela affeição aos vossos progenitores.

Neste se resumia, então para vós, a Patria, porque nelles se consubstanciava o mo-

JURAMENTO JUVENIL Á BANDEIRA

A Directoria Geral de Instrução Publica, em circular de 21 de Agosto ultimo, dirigida aos Srs. inspectores escolares, recomendou-lhes o cumprimento, nas escolas municipaes, da pratica proposta pela Commissão Executiva do Centenario da Independencia, sob o titulo "Juramento Juvenil á Bandeira", pratica regulada pelas seguintes instruccões:

"JURAMENTO JUVENIL A' BANDEIRA
Pratica proposta pela commissão executiva do Centenario da Independencia:

A cerimonia do "Juramento Juvenil á Bandeira" deverá figurar no programma da commemoração escolar do Centenario, de modo que á mesma hora, de norte a sul do Brazil, os jovens brasileiros prometam amar e honrar a Patria e pugnar por seu engrandecimento com lealdade e perseverança.

A cerimonia deverá ser cercada de toda a solemnidade, afim de que se torne commovente e deixe mais profunda e duradoura impressão na lembrança dos jovens.

Pouco antes da hora regulamentar do compromisso, perante as classes formadas, professores e convidados, destacam-se, mediante chamada nominal, os alumnos que devem prestar o juramento, os quaes ficarão em local de realce.

Em seguida uma commissão de alumnos trará a Bandeira Nacional, conservando-a em posto de honra.

Os alumnos cantarão, então, o Hymno á Bandeira.

O paranympho, que será um brasileiro de notorio valor moral e intellectual, escolhido pelas autoridades escolares, pronunciará brevissima e vibrante allocução aos pequenos patriotas, expondo a significação do acto de civismo que vão praticar.

Em seguida os meninos estendem o braço direito e, sob a direcção do paranympho, pronunciam a formula do juramento, que é a seguinte:

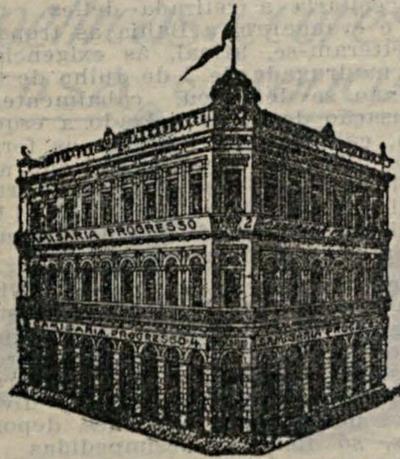
"Prometto por toda a vida amar e honrar a minha querida Patria e pugnar por seu engrandecimento com lealdade e perseverança."

Caso seja possivel, após o discurso do paranympho, será executado em surdina o Hymno da Proclamação da Republica, ou o da Bandeira, que se ouvirá enquanto durar a recitação do compromisso.

Findo este, será executado e cantado o Hymno Nacional.

Só devem prestar o compromisso alumnos de dez annos ou mais, a quem os professores tenham previamente preparado para a cerimonia, explicando-lhes a razão de ser desta e o sentido exacto de todas as palavras.

Os professores envidarão esforços afim de que os paes dos alumnos prestigiem a cerimonia, estimulando os filhos e felicitando-os após o juramento.



Casa Rieken
Endereço, Telegraphico RIEKEN
Codigos usados «RIBEIRO»
A. B. C. 4 th & 5 th
PHONE 4364

Salgado Guimarães & C.
FORNECIMENTOS MILITARES
Alfaiataria Civil e Militar, SIRGUEIROS
Importação e exportação
57 — RUA SETE DE SETEMBRO — 57
RIO DE JANEIRO

4, Praça Tiradentes, 4
Telep. Central 1880

Casa Rieken
Endereço, Telegraphico RIEKEN
Codigos usados «RIBEIRO»
A. B. C. 4 th & 5 th
PHONE 4364

Salgado Guimarães & C.
FORNECIMENTOS MILITARES
Alfaiataria Civil e Militar, SIRGUEIROS
Importação e exportação
57 — RUA SETE DE SETEMBRO — 57
RIO DE JANEIRO

tivo da vossa existencia; eram elles o unico que ligava o vosso presente ao passado para vós tão ignorado quanto o futuro mysterioso.

Pouco a pouco se dilataram os horizontes da vossa existencia, e a proporção que ella se desdobrava em aspectos diversos, como uma flôr que desabrocha, entreabrindo petalâs varias, se desenvolvia em vossos corações o amor da Patria, expandindo-se em todos os metivos porque se manifestavam os attractivos da vossa vida.

A ridente alegria dos bellos dias, animando o panorama encantador das terras e das campinas e o magestoso espectáculo do oceano immenso, desde muito cedo associou o torrão natal ás mais gratas recordações dos primeiros passos da vossa infancia.

Começastes então a sentir melhor a Patria. Começastes então a comprehender esse apego á terra em que nascemos, assim tornada quinhoeira dos nossos sentimentos, como a mais fiel testemunha da nossa vida, e, — mais tarde — quando a Escola, completando a tarefa do Lar, principiou a desvendá-vos o futuro, offerecendo-vos uma miniatura desse Mundo onde hoje vivemos nós e onde ireis amanhã viver a vossa vida de homens, sentistes que essa terra era a unica companheira immutavel das gerações que sobre ella se succedem; o unico élo inalteravel que, em todos os tempos, ligará o presente, que transcorre, ao passado, que se extinguiu e ao futuro que há de vir.

Começastes então a comprehender que a Patria não é simplesmente a vossa familia; não são somente vossos mestres, os vossos companheiros e os vossos amigos; que ella não é, mesmo, unicamente a grande familia dos que nasceram e vivem em nossa terra, fallam a nossa lingua, conservam os nossos costumes, cultivam as nossas idéas, — mas a personificação do nosso povo, fixado no torrão a que elle se prendeu como o orgão de um ser gigante e eterno, subsistindo ao desaparecimento das gerações successivas e vivendo, tanto nas acalentadoras esperanças dos berços dos filhos, como na melancolica evocação dos tumulos dos antepassados.

Não careço, pois, ensinar-vos o amor da Patria.

Vós a amaes nos louros immortaes de seu glorioso passado e nas risonhas esperanças de seu brilhante porvir; vós a amaes nas energias heroicas de seu povo, e na magestade deste torrão abençoado, em que o espectáculo maravilhoso da grandeza da terra só é supplantado pela belleza do céu.

Sabeis, sem duvida, amar a nossa Patria querida, perante a qual ides, agora, prestar o vosso primeiro compromisso na tocante cerimonia do juramento á Bandeira, — a essa Bandeira onde em allegoricas côres se misturam as evocações da opulencia das nossas florestas, da riqueza do nosso sólo e da belleza do nosso céu.

Conservae sempre a lembrança deste dia e a viva memoria do compromisso que ides assumir.

Lembrae-vos em todos os actos de vossa vida, que, no dia de hoje, como civica preparação da commemoração do Primeiro Centenario da Independencia da nossa Patria, solemnelemente promettestes amal-a e honral-a com lealdade e perseverança.

Disponde-vos a bem cumprir essa promessa, procurando tornar-vos cidadãos uteis á nossa Patria, capazes de honral-a e defen-

del-a, e de efficazmente contribuir para o seu continuado engrandecimento.

Para conseguir tão nobre objectivo estuda e cultivae o vosso espirito, estimulae cada vez mais os bons pendores de vosso coração e fortifica e disciplina o vosso corpo.

Lembrae-vos de que os povos ignorantes, moralmente corrompidos ou physicamente degenerados, são fadados á decadencia e ao aniquillamento.

Combatei, pois, a ignorancia e os factores multiplos da degenerescencia physica e moral da raça, como se combate os mais temiveis inimigos da Patria.

Não desfalleceis nesses propositos. Perseverae com a firme disposição de quem tem a consciencia de um alto e sagrado dever a cumprir.

Dedicae-vos, com devotamento e entusiasmo a todas as nobres causas em que se ache empenhada a grandeza da Patria, reprimindo subalternos interesses e mesquinhos sentimentos.

Sêde, sobretudo, sinceros e bons em todos os actos da vossa vida.

Que a hypocrisia e a maldade não tenham nunca entrada em vossos corações nem maculem a pureza de vossos actos.

Pautae a vossa conducta pelo exemplo dos que melhor serviram á Patria; imitae a abnegação dos que lhe sacrificaram suas vidas para defender a sua integridade contra o inimigo ou para assegurar a manutenção da ordem interna, necessaria á sua tranquillidade e ao seu progresso.

Segui esses preceitos e tereis fielmente cumprido o juramento que ides prestar á nossa bandeira, — essa bandeira que nos evoca um seculo de tradições gloriosas, transcorridas desde o memoravel episodio do Ypiranga; a essa bandeira que relembra os primeiros dias da nossa vida autonoma, quando fomos buscar á rica palheta da nossa flora as côres symbolicas com que representariamos a nossa Patria, soberana e independente.

E hoje, nas vespéras do primeiro centenario daquelle faustoso acontecimento, evocando as figuras augustas dos grandes pioneiros da nossa emancipação politica, e com a mais condigna preparação ao advento dessa magna ephemeride, prestae o vosso juramento juvenil á bandeira, repetindo com o vosso paronympho as palavras de solemne compromisso:

"Prometto por toda a vida, amar e honrar a minha querida Patria, e pugnar por seu engrandecimento, com lealdade e perseverança.

Este compromisso foi proferido ao som do Hymno da Proclamação da Republica, executado em surdina.

Por um alumno foi pronunciada ainda breve allocução de agradecimento ao paronympho; e, depois de entoado o Hymno da Independencia, fallou a gentil professora, senhorita Odette Costa Braga, que agradeceu ás pessoas presentes o seu comparecimento aquella solemnidade.

Por ultimo desfilaram todos os alumnos ao som da marcha "Guanabara".

Todas as professoras e suas auxiliares, bem como o Dr. Baptista Pereira, foram vivamente felicitados pelo Sr. Osorio Duque Estrada, autor da letra do Hymno Nacional, especialmente convidado para essa solemnidade.

LINGUA MATERNA

1º ANNO

O cabeçudo (Traducção = L'Education Joyeuse)

Havia, num grande jardim, um tanque cheio de lindos peixinhos. Uns eram prateados, outros cinzentos com reflexos azues, outros vermelhos com scintillações de ouro. No meio do tanque havia uma construcção fingindo uma ilha de pedra com algumas grutas na parte que ficava immersa n'agua e a superficie humida estava coberta de plantas verdes. Durante todo o dia os peixinhos iam e vinham por baixo da agua clara, desciam, subiam; brincavam de *pique* entre as pedras da ilha e se miravam na agua como que dizendo; «como eu sou bonito!»

E, quando o sol batia em cheio sobre a agua do tanque os peixes iam metter-se sob seus raios e suas escamas de ouro e prata brilhavam como diamantes.

Entre esses peixes vivia um gyrino. Era preto e feio, tinha a cabeça muito grande e uma cauda muito pequena que se remexia toda para permittir-lhe nadar.

Os peixinhos o haviam alcunhado de «Cabeçudo».

— «Arre! sabes ser feio» — lhe diziam os peixes.

— Nunca vi um peixe como este; (disse um dia o peixinho vermelho) — E' verdade que nem todos os peixes podem ser bonitos como eu, mas este... é o mais feio de todos.

— Nem ao menos nadadeiras elle tem — disse um peixe cinzento com pintas pretas.

O pobre Cabeçudinho, ficava todo envergonhado.

Via bem, mirando-se n'agua, que era mesmo muito feio.

Um dia, á hora em que o sol brilhava sobre a superficie do tanque elle correu e foi procurar um de seus raios. Mas... mesmo sob este magico raio dourado, sua côr continuou negra e sem reflexos!...

Então, muito triste, escondeu-se para não ficar perto dos peixes vermelhos que pareciam a essa hora, todos feitos de ouro.

Um peixinho cinzento tendo pena do misero Cabeçudo que vivia tão abandonado e tão triste, foi procural-o para conversar e disse:

— Eu tambem não sou bonito, consola-te commigo.

— Ah! tu tens uma lista prateada nas costas, e eu?!

— Tenho tambem nadadeiras, é verdade, és realmente digno de lastima.

Um dia, trouxeram novos peixes para o tanque. Os antigos habitantes estavam anciosos e perguntavam mutuamente:

— Como serão os nossos hospedes?

O gyrino, muito tristonho, assistia á chegada e pensava:

— Com certeza serão todos mais bonitos do que eu.

De repente uma coisinha preta e corregou rapidamente para dentro d'agua abanando uma pequenina cauda molle.

O gyrino aproximou-se.

Será possivel? sim, não me engano! Que felicidade! Tenho um companheiro!

— Como? disse o outro, somos só dois aqui? não ha senão estes miseros peixes?

— Pelo contrario, disse o Cabeçudo, elles são muito bonitos. Nós é que somos miseraveis e feios.

— Sim, mas elles serão peixes toda a vida!

— E nós? então não ficaremos sempre assim? Como sabes disso?

— Disseram-me lá no brejo. Ah! o brejo... era bem melhor que isto aqui. Lá havia bichinhos; e aqui? que é que se come?

— Trazem-nos comida diariamente; ha algumas larvas, mas os peixes comem-n'as todas.

— Coitados! nem assim deixarão de ser peixes para ser rãs, disse o recém-chegado.

— Rã?! que quer dizer isto! Explicame, pediu o Cabeçudo.

Respondeu-lhe o outro que um dia, d'alli ha muito tempo, nascer-lhes-iam patas; a principio duas grandes patas dianteiras, e, por fim sua cauda desapareceria. Este é o mais perigoso momento, é preciso que d'aqui até lá nos tornemos fortes.

Mas, vencido este momento, seriam rãs. Poderiam sahir d'agua e saltar sobre a relva em volta do tanque. Teriam, além disso, uma bella e forte voz e cantariam serenatas.

Que sonho! seria possivel que tudo aquillo fosse verdade?! O Cabeçudinho não podia acreditar mas, não se passava

Chocolate e café só ANDALUZA

Fabrica — RUA DOS ANDRADAS

RIO DE JANEIRO

um dia que de tal assumpto não se conversasse e já ia achando menos impossível.

—Quando será o dia? perguntavam um ao outro, e, qual de nós dois mudará primeiro?

O Cabeçudo contou a grande novidade ao peixe cinzento que se mostrava seu camarada.

—Que?! então tu vaes sahir d'agua? Não faças isto que morrerás em poucos minutos!

—Não; não morrerei pois serei uma rã.

—E não voltarás nunca mais?

—Voltarei certamente, virei visitar-vos e vos faremos ouvir lindos concertos. Os peixes não sabem cantar como nós!

—Mas, si perdes a tua cauda, como dizes, não poderás nadar!

—Nadaremos como nadam as rãs.

O peixinho cinzento espalhou a noticia e em breve todos os peixes sabiam que os dois feios gyrinos iam transformar-se em rãs. Ninguém lhes dizia mais que eram feios e todos pensavam: é bom ser-se Cabeçudo, uma vez que se vire rã.

Um bello dia, o segundo gyrino veio annunciar ao seu companheiro que suas patas começavam a nascer, e, com effeito as duas patas trazeiras já se mostravam debaixo da cauda.

Dalli ha dias, chegou a vez de Cabeçudo, e, cada dia as patas cresciam mais um pouco. Depois vieram as patas dianteiras. Infelizmente, no momento de perder a cauda o segundo gyrino morreu. Não conseguira habituar-se á vida no tanque e se enfraquecera.

O Cabeçudo, porém, uma linda manhã viu-se sem cauda e poz-se a nadar com suas quatro patas.

Poz a cabeça fóra d'agua e escancarou uma enorme bocca. Depois, de um só salto, alcançou o bordo do tanque. Um segundo salto e eil-o sobre a verde relva!

Como se é feliz, sendo rã! pobres peixes!...

(Continúa no proximo numero)

Perguntas a serem respondidas oralmente afim de verificar si os alumnos apprehenderam as noções scientificas que de modo suave se procuram dar atravez do conto.

Quaes os animaes que podem viver nos tanques de jardim?

(Peixes, tartarugas, cágados, rãs, sapos, pererecas, etc.)

Todos estes são vertebrados?

Que são animaes amphibios?

Dos animaes citados quaes são os amphibios?

1.º anno

Qual é o nome da rã quando apresenta ainda a fórmula e a vida de um peixe?

Ha outros animaes que soffrem metamorphoses? Qual é o insecto que apresenta uma fórmula muito elegante, graciosa e outra repugnante.

Por que são as patas trazeiras da rã providas de pelles entre os dedos? Conhecem algumas aves que apresentam as mesmas pelles? Quaes? As gallinhas tambem?

Exercicio escripto

Citar:

5 nomes de peixe.

5 animaes amphibios

5 aves palmipedes

2.º anno

Leitura da mesma historieta dada ao 1.º anno respostas escriptas ás perguntas acima indicadas.

Completar as orações seguintes, formando uma composição:

A RÃ

A rã é um — feio e até repugnante mas é — e —. Por que será util a —? Não sabem que se — de larvas e —? Quantos males não causam ás — os insectos damninhos como: a —, a —, o —, o —, o —, as — etc.!

Ha pessoas que — a — da rã e a acham — saborosa. Ha outros — parecidos com a rã, são: o — e a —. Estes entretanto, não — tão —, comem os — mas não servem para a — do homem.

III
Formar phrases com o Presente, o Passado e o Futuro do verbo Poder.

3.º anno

O trabalho indicado aqui para o 3.º anno equivale a uma prova substanciada com o fim de verificar o aproveitamento dos alumnos.

O ensino primario não pode ser feito por meio de monographias, conforme, infelizmente, o fazem ainda muitos estabelecimentos de ensino. O professor primario é uma especie de encyclopedia viva; o programma de cada anno uma circumferencia dividida por sectores *imaginarios*; tantos sectores quantas são as materias e o limite de cada uma dellas correspondente a cada anno determina o tamanho do raio. E, ha tanta necessidade de estabelecer constantemente as relações de dependencia entre as disciplinas, que temos—o professor para cada anno e não para materia—e d'ahi dizer eu que o sector é imaginario.

O exercicio de redacção deve ser o summario de todas as materias estudadas. De que nos serviria a linguagem sem a idéa? E a idéa será o estudo do verbo, do substantivo, do adjectivo?

Não, a idéa é o resultado do conhecimento do universo, de tudo que nos rodeia, da materia, do sentimento. A redacção deve por conseguinte traduzir o conjuncto de noções, adquiridas pelo alumno e ainda o resultado do esforço educativo empregado pelo professor.

Ao mestre compete escolher o assumpto, de sorte a permittir á creança dar fórmula escripta e synthetica aos seus conhecimentos.

Trata-se, pois, de uma composição cujas idéas sejam suggeridas por estampas apresentando o seguinte conjuncto: terra, céu e mar.

Recommendo a collecção de estampas da photographia «Bippus»—representando crepusculo, luar e madrugada no Rio de Janeiro.

Devemos, a modo de anthologia, fornecer a nossos alumnos leituras que lhes ensinem a comprehender e sentir a natureza; a aula de linguagem, a leitura, deve ter uma parte esthetica e outra instructiva.

Não nos faltam para este desideratum, lindos trechos de prosa e verso que nos falam de tardes, manhãs, noites, paisagens, mar, etc.

O alumno deverá ser guiado no sentido de encaixar, sem comprometter a harmonia da composição, as noções scientificas ahí cabíveis e, pela fórmula, se julgará o gráo de riqueza de seu vocabulario.

Leiamos-lhes, por exemplo, a seguinte:

COMPOSIÇÃO — A vista de uma photographia representando um trecho do Rio de Janeiro em noite de luar.

(Conjuncto)

Não ha olhos, por mais indifferentes que, de um ponto elevado da cidade do Rio de Janeiro, descortinando um horizonte onde se combinem: um trecho da verde Guanabara, alguns crivos da caprichosa Serra dos Orgãos e um pedaço do céu brasileiro, possam pairar insensíveis sobre o conjuncto de bellezas tão varias e tão suggestivas e harmoniosamente combinadas que nos offerece o crepusculo. O sol declina, deixando por traz dos cabeços um grande semi-circulo de reverbero.

A luz começa a agonisar. O astro do dia desaparece deixando o occaso envolto em nuvens roxas, um rasto de saudades.

Vermelho, roxo e azul se cambiam agora.

O irisado colorido vae desaparecendo.

Céu, terra e mar entram, pouco a pouco, em doce penumbra.

A brisa sopra de leve encrespando a superficie das aguas. Os graciosos botes, pandas as velas, vão deslizando em busca de rumo seguro.

O coqueiro, o elegante e esguio representante da flora tropical, agita a comma, qual soffredora mulher, que em propicia hora, junta aos soluços do mar, o pranto de uma dor até então contida e cuja sombra se destaca negra, erecta, solitaria, cabelleira ao vento.

(Céu)

O Oriente começa a tingir-se de prata...

Augmenta-se pouco a pouco a claridade.

Apparece agora uma aresta dourada e curva.

Alguns minutos mais e eil-a que se

mostra pela metade: é a Lua Cheia, o meigo astro da noite.

Não achando, talvez, justo o abandono em que o Sol nos deixa, quebra-lhe sobre nós a luz, qual enorme reflector.

Toda a natureza sorri então, agradecida a tão linda quão meiga bemfeitosa.

O habitante da cidade não sente a poesia do luar; a luz, producto de civilização, jorra por todos os cantos.

Vamos, porém, aos sertões; perguntemos ao peregrino quem lhe illumina a trilha; ao rustico quem lhe clareia o terreno e dá a sua choça, incomparavel graça e ingenua poesia; perguntemos ao pescador que tange melancolico a guitarra enquanto a cidade dorme, quem lhe indica o roteiro; perguntemos ás modestas sepulturas, aquellas que não receberam flores nem visitas, ás que jazem esquecidas, si não recebem um sorriso, um soluço...

A lua nos sorri, as nuvens e as estrellas nos mandam suas lagrimas.

(Mar)

O mar, ha pouco calmo, qual extensa alcatifa que meigamente se balançasse, reflecte a lua cheia e vae, a pouco e pouco se encrespando. Agora, ondulado-se em mais volumosos rolos, arroja-se contra a praia, como si quizesse, elevando-se em columnas de esmeralda, attingir o meigo astro.

O mar é muito inconstante. Tem para a natureza e para o homem os mais antagonicos aspectos, as mais desencontradas disposições. Ás vezes, calmo, verde como a esperança, leva a longinquas plagas a saudade, o beijo, a paz, a civilização.

Outras vezes, qual féra insaciavel, arremessa-se contra a terra, destroe aqui, indo edificar lá ao longe, abre a colossal garganta e engole os innocentes que ha pouco embalára; abre ainda uma vez a tremenda fauce e, numa gargalhada espumante, deixa ver os cadaveres que levou ás suas entranhas.

Não raro nos offerece a capital do Brazil occasião de apreciar taes contrastes.

Cae a noite; o plenilunio mostra-se bello e suggestivo; a cidade brilha como uma joia lavada; decorrem momentos e densas nuvens, impellidas pelo vento escurecem a abobada ha pouco serena e estrellada, prenunciando tempestade.

O mar se enfurece, arremessando-se contra a terra em altos vagalhões e fazen-

do desaparecer (quem sabe?) para sempre os pobres pescadores que a noite calma e illuminada convidava a partir.

Forte aguaceiro despeja-se sobre a Terra.

Duas horas após, si tanto, acalmam-se os elementos; surge de novo a lua cheia, agora já no centro da grande concha do firmamento; as aguas estão tranquilladas; a brisa e as ondas murmuram em duetto uma terna canção para embalar em doce somno a cidade adormecida no lindo berço que lhe iórma a maravilhosa Serra dos Orgãos de tão caprichoso recorte.

(Terra)

A cidade do Rio de Janeiro, offerece, nas noites de luar, o mais emocionante panorama que se possa apreciar.

As silhuetas negras de suas montanhas destacando-se sobre o plumbeo céu, parecem impavidos gigantes, tremendos Cerberos.

Não sei que ha de impressionante no recorte dos seus dentes, de suggestivo *impressionante* na sua attitude que ao contemplal-a, toda a alma se entrega imperceptivelmente a uma profunda e melancolica meditação.

Mas, como verdadeiros patriotas, devem os brasileiros orgulhar-se, não somente com a belleza natural já aqui encontrada pelos portuguezes e noticiada por Pero Vaz de Caminha; lembrem-se, para seguir-lhes o exemplo; d'aquelles que procuraram collaborar com a natureza no embelezamento e higienização de nossa capital, já lhe dando imponentes obras de architectura e lindas avenidas, já arrazando montes que interceptavam a passagem franca do vento, já provendo-a de meios prophylaticos e edificios destinados á assistencia e instrução da infancia, etc.

E onde beberam os homens de hoje toda a sua civilização?

Nos mananciaes deixados pelas gerações que já se foram, atravez de tantos seculos e que tambem meditaram suggestionados pela belleza melancolica e suave do luar.

NOTA—Como qualquer outro trecho cuja leitura offereçamos aos alumnos, este deve ser bem explicado; nenhum vocabulo de emprego menos corrente deixará de ser analysado em sua significação e substituido por palavras ou expressões synonymas.

EXERCICIO

(As orações subordinadas estão assinaladas).

O Paquequer

De um dos cabeços da Serra dos Orgãos deslisa um fio dagua *que se dirige para o norte*, e *engrossado* com os mananciaes, *que* recebe no seu curso de dez leguas, torna-se rio caudal.

É o Paquequer: *saltando* de cascata em cascata, *enroscando-se* como uma serpente, vae depois se espreguiçar no Parahyba, *que* rola magestosamente em seu vasto leito.

Dir-se-hia *que* vassallo e tributario desse rei das aguas, o pequeno rio, altivo e sobranceiro contra os rochedos, curva-se humildemente aos pés do suzerano. Perde então a belleza selvatica; suas ondas são calmas e serenas como as de um lago, e não se revoltam contra os barcos e as canoas *que* resvalam sobre ellas: escravo submisso, soffre o latego do senhor.

Não é neste lugar *que* elle deve ser visto; sim tres a quatro leguas acima de sua foz *onde* é livre ainda, *como* o filho indomito desta patria da liberdade.

(Do livro Céu, Terra e Mar, pag. 200)

Analyse do primeiro periodo:
De um lado dos Cabeços da Serra dos Orgãos deslisa um fio dagua | *que se dirige para o norte*, | e | *engrossado* com os mananciaes, | *que* recebe no seu curso de dez leguas, | torna-se rio caudal |.

Primeira oração — principal:
De um lado dos cabeços da Serra dos Orgãos deslisa um fio d'agua.

Sujeito — *um fio dagua*, ampliado pelo attributo limitativo — *um* e pelo adjuncto attributivo — *dagua*.

Predicado — *de um dos cabeços da Serra dos Orgãos deslisa*, constituido pelo verbo — *deslisa*, intransitivo, isto é, de predicação completa e pelo

adjuncto adverbial de procedencia — *de um dos cabeços da Serra dos Orgãos*.

2.^a oração — subordinada de 1.^a categoria por se prender

imediatamente ao sujeito da principal:

que se dirige para o norte—

relativa (quanto á relação grammatical)

adjectiva (quanto á natureza)

attributiva (quanto á função) de *fio*

dagua.

Sujeito — *que* (referindo-se a *fio*)

dagua.

predicado — *se dirige para o norte*,

constituido pelo

verbo — *dirige*, transitivo directo,

pelo objecto directo — *se*

e pelo

adjuncto adverbial de logar para

onde — *para o norte*.

3.^a oração — coordenada com a

principal por meio da

conjunção — *e*; e *tor-*

na-se rio caudal.

Sujeito — *elle* (fio dagua)

predicado — *torna-se rio caudal*,

constituido pelo

verbo — *torna*, transitivo directo,

pelo objecto directo — *se*

e pelo

adjuncto predicativo — *rio caudal*.

4.^a oração — subordinada de parti-

cipio passado:

engrossado com os mananciaes —

adverbial — (quanto á natureza)

circumstancial (quanto á função)

Sujeito — *oculto* (fio dagua).

predicado — *engrossado com os*

mananciaes, constituido

pelo

verbo — *engrossado*, intransitivo e

pelo

adjuncto adverbial — *com os ma-*

nanciaes.

5.^a oração — subordinada —

que recebe no seu curso de dez leguas

relativa — (quanto á relação grammatical)

adjectiva — (quanto á natureza)

attributiva — (quanto á função)

Sujeito — *elle* (fio d'agua)

predicado — *que recebe no seu curso*

de dez leguas,

constituido pelo

verbo — *recebe*, transitivo directo,

pelo

objecto directo — *que* (referindo-se

a — *mananciaes*) e pelo

adjuncto adverbial — *no seu curso*

de dez leguas.

AMERICA XAVIER M. DE BARROS.

Lingua materna

4º ANNO

EXERCICIO ESCRIPTO

Emprego do participio passado

O participio passado exprime o preterito e ordinariamente se prende aos verbos *ter, haver, ser, estar, etc.*

Ha verbos que têm dous participios: um *regular* ou *popular*, e outro *irregular*, ou *erudito*.

Geralmente os participios passados regulares são usados, na formação dos tempos compostos, com os auxiliares *te. e haver*; os irregulares com os verbos *ser, estar, parecer, etc.*

Exemplos:

Aquelle homem *teria ganhado* muito dinheiro se fosse trabalhador.

As creanças *haviam gastado* todos os sapatos, quando foram convidadas para a festa.

As ruas *estavam enxutas*, apesar da chuva.

Os coretos *foram erectos* no meio da praça.

Os bancos do jardim *parecem limpos*. Para o trabalho escripto transcrevo um exercicio do "Curso pratico de Portuguez" de José Portugal, no qual a professora fará omissão dos participios, que serão empregados pelos alumnos, de accôrdo com as regras estabelecidas, escrevendo, apenas, o infinitivo.

O rapaz *tinha accettato* os conselhos do velho.

E' de crer que o convite não *seja acceito* pela commissão.

As bases do contracto *estavam assentas*.

Elles ainda não *tinham assentado* na execução do plano.

O orador *tinha captivado* a attenção do auditorio.

Estes generos *eram captivos* aos direitos.

Os soldados *estavam todos dispersos* pelo acampamento.

A policia *havia dispersado* os grupos de amotinadores.

O homem *teria entregado* os objectos, se lh'os não tivessem roubado.

Todas as cartas *foram entregues* no mesmo dia.

A roupa ainda não *estava bem enxuta*.

A creança *tinha enxugado* as lagrimas para não entristecer a mãe.

O director *tinha expulsado* o alumno.

O alumno *foi expulso* do collegio.

As gallinhas *foram mortas* pela cozinheira.

Os lobos, acossados pela fome, *têm matado* muito gado.

Havia já findado o praso estabelecido.

Findo o jantar, todos se retiraram.

Elles *tinham descalçado* as botas.

Elles *estavam descalços*.

O creado *havia accendido* todos os candelabros.

Todas as velas *estavam accesas*.

Elle *tinha seccado* a roupa no corpo.

As flores *estavam seccas*.

A creada *tinha limpado* as facas.

Os copos *estavam limpos*.

Os passaros *estavam soltos*.

O chacareiro *tinha soltado* os cães.

Para variar o exercicio poderá a professora dar as fórmias dos participios — regular e irregular — e exigir dos alumnos a formação das phrases.

E' preciso notar, porem, que, quando o participio passado acompanhar de perto o substantivo, modificando-o, deixa de ser um *verbo* e funciona então como *adjectivo*.

Exemplos:

Comprei um *vestido guarnecido* de rendas.

Aprecio muito os *quadros pintados* a oleo.

As *creanças educadas* dão prazer a toda a gente.

Vintem poupado vintem ganhado.

Os professores ensinam com prazer os *dicipulos applicados*.

O menino resumiu a lição com o *livro fechado*.

Elle encontrou na estrada umas *mulheres* e umas *creanças descalças*.

O estudante comprou *livros e mapas usados*.

AMERICA XAVIER M. DE BARROS

Negrão e Comp.

— Alfaiates —

AVENIDA PASSOS N. 22 — Sob.

Ternos de casemira ingleza, sob medida desde 200\$000 — Os professores municipaes e membros de suas familias gozarão um desconto de 20%.

—:—:— sobre os preços communs —:—:—

5º ANNO

Periodos compostos por subordinação

Quando num periodo ha uma ou mais orações desenvolvidas por

pronomes relativos :

que, quem, o qual, cujo, onde, aonde, donde, adonde, para onde, por onde, quanto :

por *conjuncções de subordinação* :
que, quando, quanto, como, se, embora, emquanto, e as compostas destas — logo que, assim que, desde que, sempre que, depois que, salvo se, a menos que, porque, á maneira que, á proporção que, etc., ou por *verbos nas formas nominaes independentes* :

infinitivo, participio presente, participio passado ;

dizemos que o periodo é composto por *subordinação*.

Exs. :

A flor *que trouxeste* tem um cheiro agradável.

Os homens *que hontem encontraste na rua, onde mora o nosso parente*, chegaram hoje pela manhã.

Se encontrares o vendedor de hortaliças, dize-lhe *que venha até aqui, quando acabar o seu trabalho*.

Retirado o professor, o alumno *tomando um carro de praça*, seguiu para a cidade.

Nestes quatro periodos as orações—

A flor tem um cheiro agradável; os homens chegaram hoje pela manhã;

die-lhe: o alumno seguiu para a cidade; são chamadas —

orações principaes e as outras — *subordinadas*, porque estão na dependencia das principaes.

As orações subordinadas se classificam:

a) quanto á *relação grammatical*.

b) quanto á *natureza*.

c) quanto á *função*.

Quanto á *relação grammatical*, as proposições se dizem :

conjuncionaes, si presas pelas conjuncções de subordinação ;

relativas, si a subordinação é feita pelos pronomes relativos ;

de formas nominaes,

se as subordinadas são constituídas pelas respectivas categorias grammaticaes.

Exs. :

Escreva-me *quando* chegares a Pernambuco.

As pennas com *que* escreves são excellentes.

Acabado este trabalho, copiarás a historia de Calabar, *pondo* em evidencia a sua trahição, para *receber* o castigo de todos.

As *subordinadas relativas* são sempre e sempre *adjectivas*.

Ex. :

O animal *que trabalha* ajuda o homem, isto é, o animal *trabalhador* ajuda o homem.

As *subordinadas de fórmias nominaes* óra são *adverbiaes*, óra *adjectivas*, conforme estão na dependencia de um *verbo* ou de um substantivo.

Exs. :

Trabalhando, o empregado *ajuda* o patrão, isto é, *quando trabalha*, o empregado *ajuda* o patrão.

A *roda movendo-se* distribue a agua, isto é, a *roda que se move* distribue a agua.

Quanto á *natureza*, as subordinadas conjuncionaes podem ser :

substantivas ou *adverbiaes* conforme representam um *substantivo* ou um *adverbio*.

Exs. :

Vejo *que trabalhaste*, isto é, vejo o *teu trabalho*.

Chegaste *quando amanhecia*, isto é, chegaste pela manhã.

Quanto á *função*, as orações se dizem :

subjectivas *objectivas* *attributivas* *circumstanciaes*

quando servem de *sujeito, objecto, attributo* e quando exprimem *circumstancia*.

Exs. :

Quizesse o Destino *que eu fosse feliz*.

Não affirmo *que o papel seja de primeira qualidade*.

Os fructos *que amadurecem no pé* têm um sabor especial.

Os alumnos trabalhavam *porque queriam cumprir as suas obrigações*.

5.º anno

PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA

Orientação—Préviamente o professor fará referencias ás principaes revoluções de character republicano que tiveram logar em epocas diversas nas provincias brasileiras — quer no periodo colonial quer depois da Independencia.

No regimen colonial salientará o importante facto de 1789: a mallograda conspiração mineira cuja responsabilidade assumiu tão nobremente Tiradentes o proto-martyr da liberdade da nossa Patria, da idéa republicana.

Essas idéas tiveram como fonte inspiradora — a Independencia dos E. Unidos — e as Idéas Novas — pregadas por philosophos do seculo 18 (Mostesquieu, Voltaire e Rousseau); a luta, pela liberdade das colonias hespanholas da America do Sul, factos esses que bem reflectiram no espirito dos patricios nossos, muitos dos quaes se educavam na Europa e eram conhecedores das vantagens dos paizes livres.

Dirá que a revolução de 1817, em Pernambuco, é outra manifestação das idéas liberaes — E depois da Independencia nesse mesmo territorio, registrou-se outro facto historico: a Confederação do Equador. Recordando esse acontecimento lembrará que Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte, Alagôas e Parahyba tentaram constituir uma republica independente.

Dirá que no Sul tambem essas idéas explodiram.

Recordará a «Guerra dos Farrapos», referir-se-a ao italiano Garibaldi, casado com uma brasileira, Annita, que se tornou notavel pela sua abnegação e coragem nessa revolta.

Depois da Guerra do Paraguay a propaganda republicana tomou maior vulto com a fundação de um Club Republicano, do Rio de Janeiro, e do jornal «Republica» sendo notavel o «Manifesto de 70» em que figuram os nomes dos mais conhecidos republicanos: — Quintino Bocayuva, Saldanha Marinho, Aristides Lobo, etc.

No exercito o tenente-coronel Benjamin Botelho de Magalhães, professor da Escola Militar, batia-se pela causa republicana, transmittindo-a ás almas dos seus jovens e ardorosos educandos.

Fará o mestre referencia á «Questão Militar» — baseada na accusação do Exercito contra o governo que o perseguia e desprestigiava, o que occasionou forte antipathia entre civis e militares.

Como prenuncio da Republica so-breveio a Lei Aurea, em 1888.

Dirá que a par da irritação militar que crescia sempre, os propagandistas republicanos não descansavam. Assim Ruy Barbosa com a sua admiravel penna publicava no «Diario de Noticias» artigos intitulados «Federação ou Republica» que abalavam seriamente os alicerces do throno.

Dirá que no dia 9 de Novembro, enquanto se relisava um baile offerecido aos officiaes chilenos, na ilha Fiscal, Benjamin Constant foi autorizado, em sessão no Club Militar, a decidir os acontecimentos.

Este procurou Deodoro que a principio se recusou a tomar parte directa nos acontecimentos, allegando ser amigo da familia imperial. Convencido por B. Constant, Deodoro convidou Floriano Peixoto que occupava o cargo de ajudante-general do exercito.

O movimento foi combinado para romper de 15 a 16 mas alguns boatos o precipitaram.

Assim na madrugada de 15 de Novembro de 1889, Benjamin Constant marchou de S. Christovão para o Campo da Acclamação (Sant'Anna) a frente de uma brigada e Deodoro, encontrando-se com as forças na Praça 11 de Junho, assumiu o seu commando, indo collocar-se deante do Quartel General.

Dirá que Deodoro mandou intimar o ministerio a render-se e a demittir-se.

Os portões do Quartel foram abertos e Deodoro penetrou a cavallo sob as acclamações dos soldados. Que o Imperador estava em Petropolis e teve noticia dos acontecimentos por telegramma.

Estava mudada a forma de governo; a artilharia deu a salva de 21 tiros, e tudo se fez sem derramamento de sangue.

Dirá que no dia 16 o major Solon entregava a D. Pedro uma mensagem do governo provisório, ordenando-lhe a sua deposição e retirada do paiz dentro de 24 horas.

Na madrugada de 17 de Novembro embarcava D. Pedro com toda a familia imperial para a Europa.

FRANCISCA P. DO AMARANTE IMBUZEIRO.

GEOGRAPHIA

Terceiro anno

Divisão administrativa do Brasil. A cidade do Rio de Janeiro como séde do Governo da Republica. Idéa mui summária da organização do Districto Federal.

ORIENTAÇÃO

Indagando-se das crianças o logar onde nasceram, provavelmente apparecerão na palestra nomes de varios estados do Brasil e de um ou outro paiz estrangeiro.

Apontando os alumnos brasileiros o professor chamará a attenção da classe para o sotaque geral destes e seus habitos; e, comparando-os com os dos estrangeiros, fará notar que quando esses estrangeiros não têm o typo mui diverso do nosso, basta, ás vezes, a pronuncia para se fazerem destacar.

Continuando o professor dirá que aquelles que falam claramente a nossa lingua, aos quaes todos comprehendemos sem difficuldade e que se vestem e se alimentam do mesmo modo que nós, foram um só povo — o povo brasileiro; ao passo que as outras pessoas são para nós os estrangeiros.

Accrescentará, porém, que esses estrangeiros apontados na aula ou citados entre os conhecidos, constituem um povo para o qual todos os outros são, igualmente, estrangeiros.

Deverão as crianças dahi deduzir que as familias se grupam para formar um povo do mesmo modo que os logares são reunidos para constituir um paiz.

A idéa de patria deve ficar bem nitida para que o sentimento de patriotismo se desenvolva no coração dos jovens alumnos.

O mappa do Brasil ser-lhes-á, então, mostrado e far-se-á, pausadamente, o estudo da sua divisão em estados a começar pelo Pará e seguindo-se aos estados maritimos os centraes. Só depois que os seus nomes ficarem bem guardados e que, com desembaraço, as crianças os apontarem no mappa é que se falará da necessidade de um governo.

Um estudo comparativo entre as funções do Presidente da Republica e as da Directora da escola e entre os presidentes estaduais e as professoras adjunctas da mesma escola, tornará claro o objectivo da aula.

Chamando-se, pois, capital a séde do governo central, os alumnos concluirão que cada estado possui uma séde e o Governo da União tem tambem a sua. Serão apontadas no mappa a cidade do Rio de Janeiro e as capitales com uma referencia a sua situação geographica.

Falará em seguida no territorio do Acre cujo historico será relatado de um modo simples, realçando o trabalho diplomatico do barão do Rio Branco; e, por fim, no Districto Federal, cuja administração tem tambem o seu chefe, com a designação especial de Prefeito e com séde na mesma cidade que o Presidente da Republica.

Pela lição anterior ficou a classe sabendo que é o Prefeito a principal autoridade da administração municipal. Accrescente o professor que aquelle cargo é exercido por pessoa dadas, cada uma das quaes tem um director. Deve ser feita uma ligeira citação dos principaes serviços por estas prestados, destacando-se a Instrucção Publica, e um resumo das attribuições do Poder Executivo, fazendo-se sentir que esse poder é ainda auxiliado por um outro. — o Poder Legislativo — cujas funções ficarão comprehendidas desde que se explique a propria denominação.

C. PIQUET.

Principaes paizes da Europa e da America, especialmente os que mantêm relações com o nosso paiz

ORIENTAÇÃO

No decorrer do estudo das regiões do Brasil muitas vezes foram mencionados nomes dos paizes europeus e americanos, como importadores dos nossos productos.

Agora, então, á vista do mappa, o professor irá enumerando-os pela importancia commercial. Ao estudar, por exemplo, a Europa, devem ficar conhecidos todos os paizes, mas em primeiro logar aquelles que mantêm relações com o Brasil, delles citando a capital e principal porto e mencionando os productos importados e os exportados, taes como: a Inglaterra, a Allemanha, a França, a Belgica, Portugal, Italia, Suissa e Hollanda; em segundo logar os paizes tambem importantes, mas sem relação directa comnosco, como por exemplo, Russia, dos quaes só a capital deve ser citada; em terceiro logar, os Estados secundarios, sendo sufficiente delles conhecer o nome e a situação.

Quanto aos paizes da America, virão no primeiro grupo: os Estados Unidos, a Argentina, o Uruguay e Chile; em segundo, o Mexico e os paizes nossos vizinhos; e em terceiro, as republicas da America Central e as grandes ilhas da America Insular.

Para melhor guardar a proveniencia dos productos importados convem serem mostradas ou lembradas as marcas que elles trazem. Por exemplo, nas facas, canivetes, colheres etc., lemos Sheffield; nas peças de morim, Liverpool; nos vinhos, Bordeaux, Porto; e assim por diante.

Em consequencia os paizes do primeiro grupo da Europa e America ficarão assim estudados: Inglaterra, cap. Londres, a maior cidade do mundo, Liverpool principal porto: para ella exportamos algodão, borracha, cacão e algum assucar e della recebemos objectos manufacturados, tecidos, machinas, cutellaria e carvão de pedra; Allemanha, capital Berlin, principal porto Hamburgo; recebe fumo e couros e exporta tecidos, machinas e papel; França, cap. Paris, centro da moda, e os portos de Marseille, Havre e Bordeaux; importa café, cacão, couros e exporta machinas, licores, vinhos e rendas; Belgica, cap. Bruxellas, principal porto Antuerpia, Portugal; cap. Lisboa, bom porto a cidade de Porto; Italia, cap. Roma; e Suissa, cap. Berna; respectivamente com o commercio de accessorios de estrada de ferro, conservas, fructas e vinhos e relógios; Hollanda, cap. Haya, principal porto Amsterdam, grande importadora de nosso café e cacão.

Entre os da America: os Estados Unidos que importam borracha, cacão, café e pelles; e nos enviam, além de objectos manufacturados, aparelhos electricos, locomotivas, machinas diversas, kerozene e farinha de trigo; a Argentina que importa cacão, fumo, banana e herva-matte, assim como o Uruguay e o Chile, e exporta trigo em farinha e grão.

SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES

(3° ANNO)

UTILIDADE DOS VEGETAES

Em pequenas palestras, salientar a grande utilidade das plantas. Fazer vêr que sem ellas, nem o homem, nem os animaes poderiam subsistir. Accentuar bem o papel importantissimo que exercem na nossa alimentação. Explicar que, exceptuando a agua e o leite, todas as demais bebidas são preparadas com plantas. Dizer que é também dos vegetaes que obtemos a madeira com que fazemos construcções e toda a sorte de utensilios e mobilias; que são ainda os vegetaes que nos proporcionam a maior parte dos medicamentos de que nos servimos; quasi todos os tecidos com que fazemos os nossos vestuarios; a grande quantidade de oleos, resinas, perfumes, materias corantes... de que não podemos prescindir. Mostrar que, além disso tudo, são ainda elles os grandes purificadores da atmosphera.

De accordo com os elementos que abaixo damos, e á vista de boas estampas, fazer ligeira referencia aos vegetaes mais uteis, taes como o café, o arroz, o algodão, a borracha, o milho...

Café — O cafézeiro, arbusto originario da Arabia, só medra nos paizes quentes.

No Brasil, principalmente no Estado de São Paulo, é cultivado em larga escala, constituindo a sua principal riqueza agricola.

Attinge, ordinariamente, de tres a cinco metros de altura. Possui uma espessa folhagem verde-escuro, flores alvas e delicadas, que dão ao arbusto um bellissimo aspecto, e pequeninos fructos de sabor adocicado. Estes, que se desenvolvem nas axillas das folhas, constam de duas sementes unidas e envoltas numa casca fina, a principio verde-escuro, tornando-se rubra com a maturidade.

Assim que amadurecem, são colhidos e espalhados em grandes terreiros, onde são expostos ao sol, afim de seccarem. Depois de seccos, são recolhidos a grandes armazens, chamados tulhas, onde são empilhados e remetidos ao descascador. Ahi, é a semente separada da casca.

A' essa operação segue-se o despoldamento, por meio de machinas a vapor.

Despoldado o café, é elle ventilado, trabalho que consiste em purificar-o, isto é, retirar-lhe as substancias nocivas.

Em seguida, é ensaccado e enviado para o mercado, porém só pôde ser utilizado depois de convenientemente torrado e moído.

E' o café uma bebida apreciadissima; favorece a digestão e o trabalho mental, mas convém delle não abusar, porque, tomado em demasia, excita o systema nervoso.

Arroz — O arroz deve ser cultivado em planicies baixas e alagadiças. A sua cultura é, sobretudo, mui vantajosa nos logares pantanosos.

Para que a safra de arroz seja boa, torna-se indispensavel que a terra seja lavrada no fim de estação secca e semeada durante a estação chuvosa.

A ceifa é feita, ordinariamente, quatro mezes e meio após a sementeira.

A colheita requer especial cuidado, visto o grão desprender-se da espiga, com a maxima facilidade.

corticador e no brunidor machinas estas

Feita a debulha, passa o arroz no destinadas a beneficiar o grão.

Algodão — O algodão é produzido por um arbusto — o algodoeiro — que pôde ser vivaz ou herbaceo. Parece ser originario da Índia.

Produz uma especie de vagem que, quando madura, se abre, deixando vêr no seu interior umas sementes escuras. Essas sementes se acham envolvidas por uma especie de pennugem muito fina — o algodão.

Colhidas as sementes, machinas engenhosas se encarregam de desencarocal-as e livral-as de qualquer impureza. Depois é o algodão cardado e entregue ao fiandeiro e, em seguida, ao tecelão.

Todo esse trabalho é feito em grandes fabricas, por um verdadeiro exercito de operarios.

Delle se fazem chitas, morins, brins, cascas, meias, cobertores, rendas...

Em summa, pôde-se dizer que o algodão é o protector dos pobres.

Borracha — A borracha ou caoutchouc é extrahida de uma arvore chamada seringueira que abunda em toda a vasta região amazonica.

Constitue a principal industria extractiva do Brasil.

Mede de vinte e cinco a trinta metros de altura, tendo de diametro um metro, muitas vezes dois e até dois metros e cincoenta.

A melhor época para a extracção do caoutchouc é de Maio a Setembro.

No tempo apropriado sahem os collectores de borracha em busca das mattas, onde abunda a preciosa planta.

Então, com o auxilio de uma machadinha, praticam varias incisões nos caules das seringueiras. Immediatamente, vê-se correr um liquido leitoso, o latex, que é recolhido em pequenas tigelas.

Esse liquido é levado ao fogo, afim de serem eliminadas todas as impurezas que nelle possam existir.

Assim que esfria, coagula-se, estando então em condições de ser exportada.

Não é somente da seringueira que extrahimos a borracha: a mangabeira, a arvore da mandioca... também a fornecem.

Milho — O milho é originario da America; dahi foi transportado para a Hespanha com o nome de mayz, donde a denominação de mayzena á sua farinha.

Da Hespanha foi espalhado por todo o mundo, graças á facilidade com que se acclima em todas as temperaturas.

Aqui, no Brasil, o plantio do milho é geralmente feito em Setembro ou Outubro.

Em cada cova deitam-se tres grãos que levam de oito a quinze dias para germinar.

Na época da florescencia, apparecem nas axillas das folhas uns penachos de fios muito finos — a barba de milho — são os primeiros signaes dos fructos que hão de vir.

Em cada espiga de milho encontram-se, geralmente, de cento e sessenta a quinhentos grãos.

Estes, a principio, são de côr brancos, com um succo leitoso e de sabor adocicado; com a maturidade tornam-se duros, seccos, lustrosos e de côr roxa, amarella, vermelha, ou branca, conforme a especie do milho.

Colhidas as espigas, retiram-se as folhas que as envolvem e põe-se o grão a seccar.

Em seguida, é o milho debulhado, peneirado e recolhido a grandes armazens, onde é ensaccado e entregue ao mercado.

E. B.

(5° ANNO)

METAES E METALLOIDES

Indispensavel se torna que este estudo seja precedido de uma revisao geral das noções, já adquiridas no quarto anno, sobre corpos simples e compostos. Accrescentar que os corpos simples se dividem em metaes e metalloides. Estabelecer as diferenças existentes entre esses corpos. Dizer que na cerca de sessenta metaes, mas apenas quinze metalloides.

Fazer, então, um rapido estudo dos metaes e metalloides mais importantes.

Tratando dos metaes, referir-se ao ferro, cobre, chumbo, zinco, mercurio, prata, ouro e platina. Entre os metalloides, citar o carbono, o oxygenio, o hydrogenio, o azoto, o chloro, o enxofre e o phosphoro, tratando mais detalhadamente do carbono e seus compostos.

Para maior facilidade, damos, abaixo, alguns summarios das noções a ministrar.

Ferro — Propriedades desse metal: dureza, ductibilidade, tenacidade, malleabilidade, fusibilidade... Utilidades resultantes dessas propriedades. Applicações. Onde é encontrado. Como é feita a extracção. Oxydção do ferro. Meios de preserval-o da ferrugem.

E' delle que se obtém o aço, o mais rijo dos metaes.

Cobre — Côr. Propriedades: ductil, fusivel, malleavel. O mais sonoro dos metaes. Conduz bem o calor e a electricidade. Oxyda-se facilmente, produzindo compostos venenosos. Perigo em conservar alimentos em utensilios de cobre, não estanhados. Applicações. O sulfato de cobre; seu emprego na tinturaria. Serie de ligas que do cobre se obtem. Tratar das masi notaveis: latão e bronze.

Chumbo — Facilmente fusivel: dotado de grande malleabilidade. O menos duro dos metaes usuas. Utilidade. Em combinação com o antimonio serve para a fabricacção dos caracteres de imprensa.

Entra no preparo do minio e do alvaide, muito empregados na pintura.

Os saes de chumbo são venenosos. Graves accidentes produzidos pelas emanacções dos saes de chumbo — as colicas dos pintores.

Zinco — Quebradiço numa temperatura ordinaria. Aquecido entre 100° e 150°, torna-se ductil e malleavel. Utilidade do zinco. Motivo por que não é utilizado para utensilios de cozinha. Pela accção do ar, forma o oxydo de zinco.

Mercurio — Unico metal liquido na temperatura ordinaria. Ostenta bella côr argentea. Exposto ao ar, não soffre alteracção. Veneno violentissimo. Grande applicação na medicina e nas artes. Seu emprego quando amalgamado com o estanho. Nocividade dos vapores do mercurio. Por quem é feita a exploracção das minas.

Prata — Muito ductil e malleavel. Bellissimo brilho; o mais claro dos metaes. Permanece inalteravel, quando exposta ao ar ou aquecida. Não apresenta sufficiente dureza para ser empregada só. Os objectos de ourivesaria, as medalhas, as moedas... são uma liga de prata e cobre.

Ouro — Bella côr amarella; de brilho incomparavel. O mais ductil e malleavel de todos os metaes; uma gramma de ouro fornece um fio de tres kilometros de comprimento. Exposto ao ar, não se altera. Seu unico dissolvente — a agua régia. Para ser utilizado, é alliado ao cobre. Objectos feitos de ouro. Onde são encontradas as mais ricas minas.

Platina — O mais pesado dos metaes.

Só se funde numa temperatura muito alta. Unico acido que a dissolve. Seu elevado custo. Côr que apresenta; menos brilhante que a prata.

Carbono — Corpo solido. Sua insolubilidade n'agua; fusão difficil; transformacção em acido carbonico, pela combustão. Incandescente, decompõe a agua em dois gazes muito combustiveis — o hydrogenio e o oxydo de carbono. Lembrar que os foguistas, quando aspergem o fogo com a agua, activam a combustão. Perigo em apagar com agua o fogo existente num aposento fechado; gaz mortifero que dahi resulta.

Variedades do carbono. Divisão em dois grupos: carvões naturaes e carvões artificiaes.

Carvões naturaes: diamante, graphite, hulha, anthracite, turfa... Carvões artificiaes: carvão vegetal, carvão animal, coke...

Diamante — Carbono puro crystallizado. O mais duro de todos os corpos, risca todos sem ser riscado por nenhum. A lapidacção do diamante, como é feita. Principaes minas de diamante. Como é feita a extracção. Varias especies de diamantes.

Graphite ou plumbagina — O mais puro dos carbonos depois do diamante. Como se apresenta. Seu principal uso — fabricacção dos lapis communs.

Hulha — Preciosissimo combustivel. Propriedades: preto, duro, lustroso... Onde é encontrado. Utilidade na industria. Da hulha se obtem o gaz de illuminação, o coke, o alcatrão, a benzina, a ammonia...

Anthracite — Grande analogia com a hulha. Para arder exige activa ventilação. Motivo do seu constante emprego nas fundições de ferro.

Turfa — Geralmente encontrada nos logares pantanosos. Como se origina — dos restos de vegetaes em decomposiçao. Inconveniencia do seu uso. Só é empregada onde não existe o carvão de pedra.

Carvão vegetal — Provém da combustão incompleta da madeira. Os dois processos empregados para a fabricacção do carvão vegetal — o da carbonizacção em retortas e o das medas. Em que consistem esses processos; dar uma rapida idéa. Não serve apenas como combustivel; purifica as aguas corruptas, conserva as substancias alimenticias animaes.

Carvão animal — Resulta da calcinaçao de substancias animaes — ossos, chifres... Goza da propriedade de absorver certas materias corantes. Sua applicação nas artes e na medicina.

Coke — Residuo da distillação da hulha. Serve de combustivel domestico, mas escolhido, de preferencia, para estufas e caloriferos. Razão da escolha — arde sem chamma, nem fumaça e desprende muito calor.

Gaz carbonico — Composto de carbono e de oxygenio. Gaz incolor, de cheiro levemente penetrante; dissolvido n'agua é ligeiramente acido. A agua s... o dissolve em quantidade igual a seu volume.

A respiracção do homem e dos animaes, a combustão, as substancias vegetaes em fermentacção são abundantes mananciaes de gaz carbonico. Sua continua emanacção do solo.

Grutas e minas abandonadas, completamente cheias desse gaz. Inconveniencia de penetrar numa cavidade subterranea sem prévia verificacção do estado de pureza do ar. Como proceder em caso de duvida — ao entrar num subterraneo, approximar do solo um facho acceso, si apagar é signal de que o ar está carregado de gaz carbonico e, então, é inutil proseguir na marcha.

O gaz carbonico não entretém a combustão; introduzindo-se neste gaz um corpo inflammado, elle se apaga immediatamente. Provar por meio de experiencias.

Este gaz não é deletério, porém é improprio á respiração.

Ligeira noção sobre a preparação do gaz carbonico.

A champagne, a cerveja, a gazoza... devem suas propriedades espumantes ao gaz carbonico que contem em dissolução. E' com esse gaz que se fabrica a agua de Seltz artificial.

Acetyleno — E' um carboneto de hydrogeno, incolor; cheiro desagradavel: arde com brilhante chamma. E' deletério e explosivo. Como é preparado — pela reacção da agua sobre o carboneto de calcio.

Grande commodidade e barateza que offerece. Seu emprego em lampadas de signaes de trens de ferro, em automoveis, projectores, pharóes...

Gaz de iluminação — Principaes gazes que entram na composição do gaz de iluminação — hydrogeno e formenio. Sua leveza e consequente emprego para enchimento de aerostatos.

Chamma azulada, brilhante; misturado ao ar, detona.

Donde é obtido o gaz de iluminação. Sua preparação — distillação, purificação, recolhimento do gaz, distribuição. Içea do modo por que é feita cada uma dessas operações.

O gaz da hulha não serve tão somente para iluminação; é tambem utilizado para o aquecimento e como força motora.

E. B.

LIVROS DIDACTICOS

ULTIMAS PUBLICAÇÕES DA GRANDE LIVRARIA LEITE RIBEIRO	
<i>O Exame de Portuguez</i> , do prof. Julio Nogueira, enc.....	6\$000
<i>Grammatica Franceza</i> , obra reputada notavel pelos proprios vernaculistas francezes, do prof. Floriano de Brito, gr. v. enc.	12\$000
<i>Cosmographia</i> , resumos dos prof. Coelho Lisboa e Etienne Brasil, revista pelo sabio prof. Henrique Morise, cart.	2\$500
<i>Pontos de Geologia</i> , resumos do prof. Etienne Brasil, cart.	2\$000
<i>Problemas prauicos de phisica elementar</i> (Cadernos de Laboratorio) do prof. Heitor Lyra da Silva, cart.	2\$500
<i>Lições de Geometria Pratica</i> , do prof. Laudelino Freire — Plana e no Espaço Cada v. se p. 3\$, juntos	5\$000
<i>Chimica Elementar</i> , do prof. Etienne Brasil, prefacio do prof. Oliveira Menezes cart.	2\$500
<i>Historia Geral</i> (resumo) da prof. Mlle. Marie Reis Campos, (2ª ed.), 2 v. separados 2\$, juntos	4\$000
<i>Problemas Arithméticos</i> , da prof. Maria do Carmo P. das Neves, cart.	7\$000
<i>Cathecismo Civico</i> , do prof. cath. da Escola Polytechnica Dr. José Agostinho dos Reis, cart.	3\$000
<i>Musa Civica</i> , preciosa collectanea de producções de 108 poetas nacionaes exaltando o amor á Patria e ao Dever por Xavier Pinheiro vol. cartonado, com 700 paginas	6\$000
<i>Apontamentos de Geometria</i> (2ª edição) obra approvada pela Instrucção Publica do Districto Federal, pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro, pela Congregação da Escola Naval e pelos Collegas Militares, do prof. Dr. Ferreira de Abreu, v. de mais 500 pg. muito illustrado, cart.	10\$000
<i>Escola Pittoresca</i> (2ª edição, do 7º ao 9º milheiros) leituras para escolas de 3º grau e complementares, approvada pela Instrucção Publica do Districto Federal e pelos Governos dos Estados do Pará, Parahyba do Norte e Rio Grande Norte, do Dr. Carlos D. Fernandes, cart.	3\$000
<i>Corações Infantis</i> , contos moraes e civicos, para creanças, com illustrações de Yantok, cart.	3\$000
<i>Um punhado de exercicios para a classe complementar das escolas primarias</i> , por Leonor Posada, cart.	3\$000
<i>Um punhado de assumptos para exercicios de redacção ao curso complementar</i> , Profesora Leonor Posada	4\$000
Pedidos directamente: Ruas Bithencourt da Silva, 15, 17 e 19 e Treze de Maio, 74 e 76	
Endereço Telegraphico — ETIEL — Caixa Postal 899. Tel. 250 e 386, Central.	
RIO DE JANEIRO	

MAPPIN & VEBB Ltd.
100, Ouvidor
RIO DE JANEIRO

JOALHERIA
Prataria, «Prata Princeza»
Objectos de arte, etc.

HISTORIA

4º anno

REVISÃO

Orientação pedagogica

Estando terminado o programma de Historia deve o professor recordal-o salientando os nomes, datas e factos mais importantes.

Moysés—Diga o professor que entre outras perseguições, os Hebreus receberam, de um Pharaó, ordem de entregar á morte todas as crianças do sexo masculino, que nascessem.

Explique que Amrão, neto de Levi, pode esconder o filho durante alguns mezes, mas depois collocou-o em um cesto nas aguas do rio Nilo.

Diga como essa criança foi salva por Thermutis que lhe deu o nome de Moysés (Salvo das aguas); qual a educação recebida por Moysés; como, depois de ter fugido do Egypto, elle lá voltou enviado por Deus para livrar os Israelitas da tyrannia dos seus oppressores.

Diga que elle se apresentou ao Pharaó pedindo-lhe que deixasse sahir os Hebreus e, como não fosse attendido no pedido, affligiu o Egypto com 10 pragas, sendo que a ultima dellas convenceu o rei de tal modo que elle permittiu a sahida dos Hebreus.

Explique que Moysés instituiu a festa da Paschoa (Passagem); que depois d'elle ter sahido do Egypto, com os Hebreus, o Pharaó arrependeu-se e marchou em perseguição d'elles, chegando quasi a alcançal-os.

Diga que Moysés estando ás margens do Mar Vermelho estendeu a mão sobre o mar, cujas aguas dividiram, deram passagem aos Hebreus e fecharam-se assim que os Egypcios tentaram atravessal-as, perecendo quasi todo o exercito egypcio.

Diga aos alumnos que Moysés caminhou 40 annos até a Palestina e fale sobre a maneira pela qual os Israelitas viveram durante esse tempo.

Fale o professor sobre o tabernaculo mandado construir por Moysés e sobre os Dez Mandamentos.

Diga, finalmente, que Moysés, foi o grande legislador dos Hebreus, seu chefe notavel e um erudito escriptor.

Pharaós — Diga o professor aos alumnos que Pharaó era o Titulo dado ao Rei do Egypto e que era considerado como filho do Sol e como a sua imagem sobre a Terra, sendo julgado como um deus.

Diga quaes foram os principaes Pharaós e o papel de cada um na historia do Egypto.

Christo—Recordando o Christianismo, faça com que os alumnos guardem bem na memoria o quanto essa religião, cujo fundador foi Jesus Christo, concorreu para a boa moral da humanidade; tornando a Era Christã uma Era de progresso tendo como norma o amor ao próximo.

Cesares—Diga o professor alguma cousa sobre a a vida de Julio Cesar, descrevendo o seu tragico fim.

Fale em seguida em Octavio, salientando seus grandes feitos.

Diga que elle adoptou o nome de Cesar, assim como os 10 outros imperadores que se seguiram; que, no seu tempo, o maior acontecimento foi o nascimento de Christo; que elle protegeu os scientists, litteratos e artistas; que o seu governo foi de tanto esplendor que é chamado «Seculo de Augusto» (Titulo com que foi aclamado); que elle morreu em idade avançada perguntando aos que o cercavam se tinha representado bem o drama da vida.

Passe depois a falar sobre Nero. Diga que foi perverso; que mandou matar a propria mãe que tinha commettido muitos crimes para collocal-o no throno; que mandou atear fogo em Roma accusando desse crime aos Christãos e mandou perseguil-os atrozmente com castigos horriveis.

Diga que elle se suicidou por não achar um unico escravo que o quizesse matar.

Constantino—Diga o professor que Constantino era affavel e de grande valentia; que elle ganhou a estima do povo excitando assim a colera de Galerio que apenas lhe deu o titulo de Cesar negando-lhe o de Augusto.

Explique que, entre outros factos notaveis, elle protegeu os Christãos, fundou Constantinopla como séde do Imperio; fez a reorganização administrativa do Imperio Romano.

Continúa

LUCILIA CORREALE

Fazemos vantagens

Porque compramos em grosso

Porque compramos directamente

Porque temos maiores sortimentos

Porque vendemos mais

Tenha estas veridades em mente e prefira os nossos

Artigos para senhoras

Artigos para homens

Artigos para creanças

Artigos para uso domestico

AOS FREGUEZES DO INTERIOR: Peçam catalogos, amostras, informações, etc.

PARC ROYAL

A Maior e a melhor Casa do Brasil

Todo o genero de artigos

Para

Senhoras, Homens, Creanças e para Casa



ESPECIALIDADE EM UNIFORMES E ENXOVAES PARA COLLEGIAES

Moagem São Raymundo

Deposito de cereaes e sal — Especialidade em Fubás de Milho e Arroz Cangica, Araruta e Polvilho. Movida por tracção electrica

— Carvalho Leme etc. C. —

Telephone 779-Norte

84, Rua Acre, 86

RIO DE JANEIRO

O maior tonico da fadiga nervosa, da fadiga cerebral, da surmenage em geral

KOLATENO

E' o summum dos princípios activos da NOZ DE KOLA FRESCA, a que se acham associados o MALT e o PHOSPHATO DE SODIO

DOSES: 2 a 4 colheres das de chá por dia, puras ou diluidas em meio calice d'agua

União Manufactora de Roupas

Proprietaria das maiores fabricas de roupas brancas da America do Sul

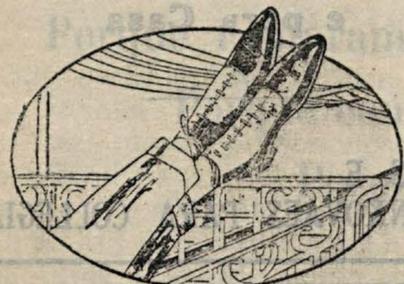
(Sociedade AnonYma)

CAPITAL INTEGRALIZADO 1.500.000\$000

FABRICAS:

RUA HADDOCK LOBO, 406, 408, 410 e 412 — RUA GONÇALVES CRESPO, 43 e 45
RUA DR. CAMPOS SALLES, 134 — RUA DR. ARISTIDES LOBO, 94 e 96

Escriptorio e Departamento de Vendas Geraes = RUA GENERAL CAMARA, 89



SUBIR
A PETRÓPOLIS
COM CALÇADO ATLAS

CASAS ATLAS

- Rua da Carioca, 8
- Rua da Carioca, 34
- Rua da Carioca, 40
- Rua Uruguaiana 84
- Rua Marechal Floriano, 132
- Rua Marechal Floriano, 134
- Rua Senador Eusebio, 3
- Rua Senador Eusebio, 129
- Largo do Machado, 2
- Rua Estacio de Sá, 69
- Rua Figueira de Mello, 372

S. PAULO — SANTOS — CAMPINAS
CAMPOS — NICTHEROY E
PORTO-ALEGRE

Casa Alves

Grande deposito de moveis de
estyllo e completo sortimento de
—:— moveis nacionaes —:—

J. A. PONTES
PRAÇA TIRADENTES, 36
Telephone Central 4562
Preços sem competencia

Matriz: Rua dos Andradas, 51
Telephone Norte 2838 — Rio de Janeiro
As profssoras municipaes gozarão de
abatimento

“Casa Cirio”

Grande sortimento de artigos dentarios,
perfumarias e cutilaria fina.
Importação directa dos Estados Unidos
e Europa

JULIO BERTO CIRIO
Rua do Ouvidor N. 183
RIO DE JANEIRO
Telephone Norte 3117 — End. Tel. Cirio
Caixa Postal n. 15

Floricultura Brasileira
W. LINS & C.

Flores naturaes, Ornamentações para
festas, Corôas. Bouquets e Corbeilles

ARTE E BOM GOSTO
RUA REPUBLICA DO PERU' 53
antiga da Assembléa
Chacaras em Petropolis, Theresopolis e
Jacarépaguá
Tel. Central 1870 Rio de Janeiro



O que o doente sente
com o uso do «ELIXIR
DE INHAME»

Com o tratamento pelo
Elixir de Inhame, o doente
experimenta uma gran-
de transformação no seu
estado geral; o apetite
augmenta, a digestão se
faz com facilidade (de-
vido ao arlenico) a cor tor-
na-se rosada, o rosto mais
fresco, melhor disposição
para o trabalho, mais for-
ça nos musculos, mais re-
sistencia á fadiga e respiração facil.

O doente torna-se florescente, mais gordo e
sente uma sensação de bem estar muito
notavel.

Modo de usar : O Elixir de Inhame Goulart
deve ser usado na dose de uma
colther depois de cada refeição.

Depura - Fortalece - Engorda

OCULOS e PINCE-NEZ
para qualquer defecto da vista
Apparellhos Photographi-
cos e Accessorios.
LUTZ, FERRANOD & CIA. LTDA
RUA GONÇALVES DIAS N. 40 — RIO

CASA GUIOMAR
CALÇADO DADO
Avenida Passos, 120
(Proximo a Rua Larga)

Tendo adnquirido uma importante fabrica pode
assim vender todos os seus productos de calçados
desde as alpercatas a Luiz XV mais barato que qual-
quer casa 50 oio.

**MODELO
NILDA**

De 17 a 26.....	4\$000
De 27 a 32.....	5\$000
De 33 a 40.....	6\$500

**MODELO
NORAH**

De 17 a 26.....	4\$500
De 27 a 32.....	5\$500
De 33 a 40.....	7\$500

Pelo Correio, mais 1\$500 por par
Remettem-se catalogos illustrados gratis para o
interior a quem os solicitar.
Pedidos a JULIO DE SOUZA

**A
Dentição
das
Crianças**

*Todo o cuidado
é pouco quando se trata
dos dentes da Criança
pois a saude depende
em grande parte do
estado da bocca.*

**Auxilie a Assistência
Dentaria Gratuita
Associação Central Brasileira
dos Cirurgios Dentistas
Av. Rio Branco, 142.**

S.S.White Dental Mfg. Co. of Brazil

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

S. PAULO

BELLO HORIZONTE

Rua do Ouvidor, 166

Rua Libero Badaró, 129

Rua da Bahia, 1055

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

HILLARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional	\$600
2º Livro de Leitura	1\$000
3º Livro de Leitura	1\$000
4º Livro de Leitura	1\$000

THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia	\$600
2º Livro de Leitura	1\$500
3º Livro de Leitura	2\$500

EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1º Livro de Leitura	2\$000
4º Livro de Leitura	2\$500
2º Livro de Leitura	3\$000
3º Livro de Leitura	3\$500
1º Livro de Leitura	3\$500

SERIE PUIGGARI-BARRETO

Cartilha Analitica	1\$500
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	3\$000
4º Livro de Leitura	3\$000
5º Livro de Leitura	2\$500

ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães	1\$000
Primeiras Leituras	2\$000
Leituras Moraes	2\$000

FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura	1\$500
Cartilha	1\$800
Leitura Preparatoria	2\$500
1º Livro de Leitura	2\$500
2º Livro de Leitura	3\$000
4º Livro de Leitura	4\$000

JOÃO KOPKE

1º Livro de Leitura	2\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	2\$500
4º Livro de Leitura	3\$500
5º Livro de Leitura	4\$000
Leituras Praticas	3\$000
Fabulas (em verso)	1\$500

D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria	2\$000
Leitura para o 2º anno	2\$500
Leitura para o 3º anno	2\$500
Leitura para o 4º anno	3\$000

D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias	2\$000
1º Livro de Leitura	2\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	2\$500
4º Livro de Leitura	3\$000

ABILIO CESAR BORGES

1º Livro de Leitura	\$600
Novo 1º Livro de Leitura	1\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	2\$500

SABINO e COSTA E CUNHA

Expositor da Lingua Materna	1\$000
Segundo Livro	1\$000
Segundo Livro	1\$000

FERREIRA DA ROSA

Methodo de aprender a ler	\$500
2º Livro de Leitura	1\$600
3º Livro de Leitura	2\$000
Excursões escolares	1\$000

DR. MARIO BULCÃO

Vida Infantil 1º Livro	1\$500
Vida Infantil 2º Livro	2\$000
Vida Infantil 3º Livro	2\$000

COLLECÇÃO F. T. D.

Quadros Muraes, cada quadro	1\$000
Novos principios de Leitura	1\$000
Guia Infantil, 1ª parte	2\$000
Guia Infantil, 2ª parte	2\$000
Guia Infantil, às 2 partes	4\$800
O 1º Livro de André 1ª parte	2\$000
O 2º Livro de André 2ª parte	2\$000
Compendio de Historia Sagrada	3\$000
Noções de Sciencias	3\$000
Anthologia (3º livro da coll.)	4\$000
Anthologia (4º livro da coll.)	6\$000
E. DE AMICIS — Coralção	2\$000

AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente	2\$500
BILAC e NETTO—Contos Patrios	3\$500
” ” Patria Brasileira	3\$500
” ” Theatro Infantil	2\$500

CORNAZ

As creanças e os animaes	1\$500
Novos Amigos	2\$070
CORREIA e BARRETO—Era uma vez	2\$000
A. M. PINTO—Proverbios populares	2\$000
BILAC e BOMFIM—Leitura Comple- mentar	4\$000
ALBERTO DE OLIVEIRA—Céo, Terra e Mar	3\$500

TANCREDO AMARAL

Livros das Eacolas	3\$300
------------------------------	--------

BARRETO E LAET

Anthologia Nacional	6\$000
-------------------------------	--------

EUGENIO WERNECK

Anthologia Brasileira	6\$000
---------------------------------	--------

JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos	3\$000
Selecta Classica	4\$000
DUQUE ESTRADA—Thesouro Poetico	3\$500
B. P. R.—Leitura Manuscripta	1\$500

A BALTHAZAR DA SILVEIRA

Educação Moral e Civica	2\$500
OLAVO BILAC—Poesias Infrantis	3\$500
L. FERDINAND—Lyra das Creanças	2\$000
R. PUIGGARI—Album de Gravuras	2\$000

Remettemos o nosso catalogo, gratis para todo o Brasil